

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



A SATISFAÇÃO CONJUGAL E O ENVOLVIMENTO PATERNO

Helena Margarida de Oliveira Reis dos Santos

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA
(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde / Núcleo de Psicologia Clínica Dinâmica)

2011

L-P
U+50T

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



Faculdade de Psicologia
Instituto de Educação
Universidade de Lisboa
BIBLIOTECA

A SATISFAÇÃO CONJUGAL E O ENVOLVIMENTO PATERNO

Helena Margarida de Oliveira Reis dos Santos

Dissertação orientada pela Prof. Doutora Salomé Vieira Santos

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA
(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde / Núcleo de Psicologia Clínica Dinâmica)

2011

039521

Agradecimentos

O meu primeiro e mais sincero agradecimento é para a professora Salomé Vieira Santos. Agradeço todo o apoio que me deu, estando disponível para me receber semana após semana, agradeço genuinamente toda a sua paciência e todas as suas orientações sábias, que tornaram possível concretizar este trabalho.

Agradeço ao Francisco toda a paciência e compreensão pela minha dedicação a esta tese e a este curso, que levou à minha presença tão apagada na nossa vida. Mais uma fase concluída, a qual sem os teus incentivos, não teria sido possível. Obrigada por teres acreditado em mim todos os dias.

Agradeço à Renata as suas indicações na área da estatística, sem ti teria perdido dias a fazer pequenas coisas que até são simples.

Agradeço ao Sérgio, por me ter ajudado no contacto com o “Externato Calimero” para a recolha da amostra.

Agradeço à minha mãe pela sua ajuda e apoio.

Agradeço aos meus amigos e amigas que aceitaram a minha ausência este ano, para a concretização deste projecto.

Por fim, agradeço a todos os casais que participaram nesta investigação.

Resumo

O presente estudo centra-se na satisfação conjugal e no envolvimento paterno, e tem como objectivos: (a) analisar a satisfação conjugal dos casais, (b) caracterizar o envolvimento do pai com a criança e nas tarefas domésticas (c) relacionar a satisfação conjugal e o envolvimento paterno, (d) relacionar a satisfação conjugal e o envolvimento paterno com variáveis sociodemográficas. No estudo participaram 32 casais heterossexuais, pais de crianças do primeiro ciclo. Utilizou-se a EASAVIC (Narciso & Costa, 1996) e a EEP (Simões, Leal, & Maroco, 2010) para avaliar, respectivamente, a satisfação conjugal e o envolvimento paterno. Foi ainda construída uma Ficha para obtenção de informação sociodemográfica e referente à perspectiva do homem e da mulher acerca do grau de envolvimento com a criança (cuidados, educação e brincadeiras) e nas tarefas domésticas. Verifica-se que os homens e as mulheres não se distinguem significativamente na satisfação conjugal (Funcionamento Conjugal e Amor) e que os homens (comparativamente com as mulheres) atribuem menos peso ao seu próprio envolvimento nos cuidados da criança e na educação. A presença do pai nas actividades diárias da criança (subescala Presença - EEP) associa-se positivamente com a sua satisfação conjugal. Acresce que a satisfação conjugal da mulher é maior quando há um maior envolvimento do homem nas tarefas domésticas e que a satisfação de ambos aumenta com o maior envolvimento da mulher nas brincadeiras. No que se refere à relação com variáveis sociodemográficas, destaca-se que o número de filhos se associa negativamente com a satisfação conjugal do homem (Funcionamento Conjugal e Amor) e da mulher (Funcionamento Conjugal), e que o envolvimento do pai em tarefas de cuidado à criança é menor nos casais mais velhos e tende a ser maior quando o casal tem uma crença religiosa (especialmente a mulher). Discutem-se os resultados com base na literatura sobre as temáticas em análise.

Palavras-chave: Satisfação Conjugal, Envolvimento Paterno, Papéis de Género, Tarefas Domésticas

Abstract

The present study focuses on marital satisfaction and father involvement, and has the following objectives: (a) to analyze marital satisfaction in couples, (b) to characterize the father's involvement with the children and with housework, (c) to relate marital satisfaction with father involvement, (d) to relate both marital satisfaction and father involvement with socio-demographic variables. 32 heterosexual couples, parents of primary school children, participated in the study. The EASAVIC (Narciso & Costa, 1996) and the EEP (Simões, Leal, & Maroco, 2010) were used to evaluate, respectively, marital satisfaction and father involvement. A Form was also designed to obtain socio-demographic information and the men and women's perspective on the degree of involvement with the child (care, education and play) and housework. Men and women do not differ significantly in marital satisfaction (Marital Functioning and Love) and men (compared to women) give less importance to their own involvement in child care and education. The father's presence in the daily activities of the child (Presence subscale - EPP) is positively associated with marital satisfaction. Moreover, the woman's marital satisfaction is higher when the man's involvement is greater in housework, and the satisfaction of both increases with greater involvement of the woman in play. With regard to the socio-demographic variables, it may be noted that the number of children is negatively associated with the marital satisfaction of the man (Marital Functioning and Love) and the woman (Marital Functioning), and that the father's involvement in child care tasks is lower in older couples and tends to be higher when the couple has a religious belief (especially the woman). The results are discussed on the basis of literature on the themes under study.

Keywords – Marital Satisfaction, Father Involvement, Gender Roles, Housework

Índice

Introdução	1
1. Enquadramento Teórico	4
1.1 Casamento, Satisfação Conjugal e Papéis de Género	4
1.1.1 Casamento e Satisfação Conjugal	4
1.1.2 Papéis de Género	7
1.2 Parentalidade e Envolvimento Paterno	10
1.2.1 Parentalidade	10
1.2.2 Envolvimento Paterno	11
1.3 Satisfação Conjugal e Envolvimento Paterno	16
2. Objectivos e Hipóteses	19
2.1 Objectivos	19
2.2 Hipóteses	20
3. Método	22
3.1 Participantes	22
3.2 Instrumentos	24
3.3 Procedimento	26
3.4 Procedimentos Estatísticos	27
4. Resultados	28
4.1 Caracterização da Satisfação Conjugal do Casal: Comparação Homem-Mulher	28
4.2 Caracterização do Envolvimento Paterno	28
4.2.1 Comparação com a Amostra da EPP	28
4.2.2 Análise e Comparação do Grau de Envolvimento do Homem e da Mulher com a Criança e nas Tarefas Domésticas	29
4.3 Relação entre a Satisfação Conjugal e o Envolvimento Paterno	32
4.3.1 Relação da Satisfação Conjugal do Homem e da Mulher com o Envolvimento Paterno	32
4.3.2 Relação da Satisfação Conjugal do Homem e da Mulher com o Grau de Envolvimento com a Criança e nas Tarefas Domésticas	33
4.4 Relação da Satisfação Conjugal e do Envolvimento Paterno com Variáveis Sociodemográficas	34
4.4.1 Relação entre a Satisfação Conjugal e Variáveis Sociodemográficas	34
4.4.2 Relação entre o Envolvimento Paterno e Variáveis Sociodemográficas	35

5. Discussão	36
6. Conclusão.....	41
Referências Bibliográficas	43
Anexos	50

Índice de Quadros

Quadro 1 - Escolaridade dos Participantes (Frequências e Percentagens)	22
Quadro 2 - Profissões dos Participantes (Frequências e Percentagens)	23
Quadro 3 - Crença Religiosa dos Participantes (Frequências e Percentagens)	23
Quadro 4 - Escolaridade dos Filhos dos Participantes (Frequências e Percentagens).....	24
Quadro 5 - Comparação da Percepção da Satisfação Conjugal (EASAVIC) no Homem e na Mulher.....	28
Quadro 6 - Comparação do Envolvimento Paterno da Amostra do Estudo com a Amostra da EEP	29
Quadro 7 – Grau de Envolvimento com a Criança (Cuidados Diários, Educação e Brincadeira) -Frequências/Percentagens	30
Quadro 8 - Grau de Envolvimento nas Tarefas Domésticas - Frequências/Percentagens....	31
Quadro 9 - Comparação entre Homens e Mulheres no Grau de Envolvimento com a Criança e nas Tarefas Domésticas	32
Quadro 10 - Correlação entre a Satisfação Conjugal (EASAVIC) e o Envolvimento Paterno (EEP)	33
Quadro 11 - Correlação entre a Satisfação Conjugal (EASAVIC) e o Envolvimento com a Criança e nas Tarefas Domésticas (FRI), no Homem e na Mulher	34
Quadro 12 - Correlação entre a Satisfação Conjugal (EASAVIC) e Variáveis Sociodemográficas.....	35
Quadro 13 - Correlação entre o Envolvimento Paterno (EEP) e Variáveis Sociodemográficas.....	35

Índice de Anexos

Anexo 1 - Ficha de recolha e informação	51
Anexo 2 - Explicação da investigação para os participantes e declaração de consentimento informado.....	55
Anexo 3 - Folha de rosto – instituição	58
Anexo 4 - Folha de rosto - fora da instituição	60

Introdução

O presente estudo foca a satisfação conjugal e o envolvimento paterno em casais com filhos a frequentar o primeiro ciclo. Os estudos nesta área são insuficientes (mais ainda em Portugal) e os existentes abordam sobretudo a transição para a parentalidade, baseando-se muitos na visão da mulher acerca do envolvimento do homem com a criança. A presente pesquisa pretende dar um contributo para colmatar estas limitações, já que contempla a perspectiva do homem e as crianças-alvo são mais velhas (idade escolar), procurando também contribuir para o estudo de uma temática em expansão do ponto de vista empírico, a do envolvimento paterno, dada a importância deste envolvimento no desenvolvimento da criança.

Por satisfação conjugal entende-se a percepção subjectiva que homens e mulheres têm do seu casamento (Narciso & Ribeiro, 2009; Shackelford & Buss, 1997). Vários autores propuseram modelos que integram factores influentes na satisfação conjugal (Lewis & Spanier, 1979, cit. por Feeney, Noller, & Ward, 1997; Narciso, 2001; Wishman, 1997), sugerindo que esta é condicionada por factores individuais, de cada membro do casal (por exemplo, características de personalidade e padrões de vinculação), interpessoais (por exemplo, comunicação e resolução de conflitos), contextuais (por exemplo, acontecimentos de vida e família de origem), sociodemográficos (por exemplo, idade e características educacionais), entre outros. Cada indivíduo leva para o casamento características próprias e expectativas de como o casamento será, as quais vão sendo modificadas ao longo do tempo da vida em conjunto (ver Narciso & Ribeiro, 2009).

As diferenças em termos dos papéis de género têm vindo a ser atenuadas, principalmente devido à entrada das mulheres no mercado de trabalho, o que levou a uma clara diminuição do tempo reservado ao cuidado dos filhos e às tarefas domésticas, obrigando o homem a envolver-se mais nestas áreas. Apesar disso, e de existir um aumento real do tempo que o homem reserva semanalmente aos filhos (Bailey, 2001, cit. por Monteiro Veríssimo, Castro, & Oliveira, 2006; Park, 1996; Tamis-LeMonda & Cabrera, 2002), a mulher continua a ser a principal responsável pelas crianças e pelas tarefas domésticas (e.g., Balancho, 2004; Craig, 2006; Lamb, 2002; Levy-Schiff & Israelashvili, 1988; Mehall, Spinrad, Eisenberg, & Gaertner, 2009; Park, 1996, 2002).

O envolvimento paterno tem sido difícil de definir, tratando-se de um conceito multidimensional em constante evolução (Ramoneti, 2007), que pode ser caracterizado em

três domínios: a interacção com a criança, a disponibilidade para a criança e a responsabilidade para com a criança (ver Lamb, Pleck, Charnov, & Levine, 2010).

De acordo com o modelo de Lamb (1987), o envolvimento paterno é influenciado por diversos factores tais como a motivação do pai, o sentido de competência, o apoio social (sobretudo das esposas), e as práticas institucionais e a liderança social do emprego do homem. Para além disso, várias outras características o influenciam, sabendo-se, por exemplo, que o envolvimento paterno diminui quando o número de filhos aumenta (Simões, 2009), ou que o número de horas de trabalho do pai influencia o seu envolvimento com o(a) filho(a) (Crouter, Perry-Jenkins, Huston, & McHale, 1987).

O impacto das crianças no casamento está já bastante estudado (e.g., ver Belsky, 1990; Feldman, 2000; Levi-Shiff 1994; Thompson & Walker, 1989), no entanto, carece-se de estudos que relacionem a satisfação do casal e o envolvimento paterno. Vários destes estudos mostram um declínio acentuado da satisfação conjugal, especialmente na mulher, durante a transição para a parentalidade (Feldman, 2000; Thompson & Walker, 1989), período que tem sido mais estudado, sendo que um factor importante nesse declínio tem a ver com o pouco envolvimento do pai nos cuidados à criança e nas tarefas da casa (Feldman, 2000; Gottman & Silver, 2001). Esta falta de envolvimento do pai poderá estar relacionada com visões mais tradicionais dos papéis de género mas, curiosamente, poderá também ser provocada pela própria mulher, que muitas vezes não confia nas capacidades do homem para o cuidado aos filhos (Bonney, Kelley, & Levant, 1999; Lamb 1987).

Diversos autores mostram que o envolvimento do pai nos cuidados e educação da criança conduz a casamentos mais satisfatórios, quer para o homem quer para a mulher, durante a transição para a parentalidade e primeiros anos de vida do bebé (e.g., Coiro & Emery, 1998; Feldman, 2000; Lamb, 2002; Lee & Doherty, 2007; Levy-Shiff, 1994; Mehall et al., 2009). Contudo, como já se mencionou, carece-se de estudos em que as crianças-alvo sejam mais velhas.

No que se refere à organização do presente trabalho, após esta breve introdução apresenta-se o enquadramento teórico do estudo (ponto 1), que incide primeiro no casamento, satisfação conjugal e papéis de género, focando depois a parentalidade e o envolvimento paterno e, por fim, a relação deste com a satisfação conjugal. Expõem-se em seguida os objectivos e as hipóteses do estudo (ponto 2), fundamentadas na revisão teórica realizada. Apresenta-se depois o método (ponto 3), caracterizando-se os participantes do estudo, os instrumentos usados, os procedimentos de recolha das amostras, assim como os

procedimentos estatísticos utilizados. Os pontos seguintes (pontos 4 e 5) integram, respectivamente, a análise dos dados e a sua discussão, fazendo-se também menção às limitações do estudo e a propostas para estudos futuros. O último ponto (o sexto) é reservado para as principais conclusões do estudo.

1. Enquadramento Teórico

1.1 Casamento, Satisfação Conjugal e Papéis de Género

1.1.1 Casamento e Satisfação Conjugal

O casamento é uma união entre duas pessoas que conduz a interdependência dos membros do casal, tanto sexual como económica (e.g., Levinger & Huston, 1990; Strong, DeVault, & Cohen, 2011). A relação conjugal é a relação mais íntima que voluntariamente se estabelece (Narciso & Ribeiro, 2009) e em todas as culturas monogâmicas é esperado desta relação exclusividade romântica e fidelidade sexual (Shackelford & Buss, 1997).

Actualmente, no mundo ocidental o amor é o principal factor que leva duas pessoas a casar. No entanto, em muitas culturas o casamento já foi motivado (e nalguns casos ainda o é) por objectivos económicos, políticos, familiares e/ou sociais (e.g., Narciso & Ribeiro, 2009; Strong, DeVault, & Cohen, 2011).

Cerca de 90% das pessoas, em todo o mundo, casam-se pelo menos uma vez ao longo da sua vida. Contudo, apenas metade dessas pessoas consegue manter o casamento “até que a morte os separe” (Shackelford & Buss, 1997). Os cônjuges levam para esta união expectativas, crenças e exigências, conscientes e inconscientes, que acreditam virem a ser correspondidas, e a elevada taxa de divórcio poderá denunciar que as pessoas não conseguem fazer corresponder o casamento real às expectativas prévias de como ele seria (ver Narciso & Ribeiro, 2009). A insatisfação conjugal poderá constituir-se, assim, como um alerta para que se tente melhorar o casamento ou para que se procure outra relação mais satisfatória (Shackelford & Buss, 1997).

Apesar da elevada taxa de divórcio, as pessoas continuam a casar-se e a recasar-se. Com efeito, um “bom casamento” permite a satisfação de diversas necessidades, designadamente necessidades emocionais, afectivas, sexuais, de intimidade e lealdade (Narciso & Ribeiro, 2009).

A satisfação que o casamento proporciona foi alvo de investigação diversa, constituindo um tema crucial na área da conjugalidade. A satisfação conjugal pode definir-se como a avaliação que cada um dos cônjuges faz sobre os prós e os contras do seu casamento (Shackelford & Buss, 1997) e ser, portanto, considerada como uma avaliação sumativa e subjectiva que um membro do casal faz acerca do seu casamento (e.g., Narciso & Ribeiro, 2009; Shackelford & Buss, 1997).

Amiúde, a satisfação conjugal é confundida com a qualidade conjugal. Embora os conceitos estejam relacionados, e se influenciem mutuamente, eles são diferentes, já que a qualidade conjugal é entendida como o “desempenho na e da relação” e é observada do exterior através de critérios específicos definidos para o efeito (Narciso & Ribeiro, 2009).

A satisfação pessoal acerca do casamento parece ser a maior fonte de felicidade individual e contribui mais para o bem-estar do que qualquer outro factor (Narciso & Ribeiro, 2009). Constata-se, por exemplo, que a religião, o sucesso profissional e o financeiro, conjuntamente, não contribuem para um bem-estar tão elevado quanto uma boa avaliação do casamento (Idem), sendo que os homens, comparativamente com as mulheres, referem mais satisfação no casamento (Campbell, Converse, & Rodgers, 1979; Orathinkal & Vansteenwegen, 2007; Perlin & Diniz, 2005; Rhyne, 1981).

Lewis e Spanier (1979, cit. por Feeney, Noller, & Ward, 1997) apontam três conjuntos principais de preditores da satisfação conjugal: (a) *recursos sociais e pessoais* (por exemplo, a auto-estima, o nível socioeconómico e a saúde física e mental); (b) *satisfação com o estilo de vida* (por exemplo, a composição do agregado familiar, a profissão e a rede social); (c) *recompensas da interacção conjugal* (por exemplo, satisfação com os papéis, com a comunicação e com a interacção).

Ainda no âmbito dos factores que influenciam a satisfação conjugal, Wishman (1997) propõe o Modelo Integrativo, composto por três factores que se podem influenciar mutuamente: (a) *factores intrapessoais* – por exemplo, a personalidade, padrões de vinculação, cognições e todas as características que descrevem ambos ou cada um dos cônjuges; (b) *factores interpessoais* – por exemplo, a comunicação no casal, os conflitos e a sua resolução, e todas as características que descrevem a relação entre os cônjuges; (c) *factores contextuais* – por exemplo, acontecimentos de vida geradores de stress e todas as características do meio que influenciem a satisfação dos cônjuges.

Narciso (2001) propõe também um modelo dos factores que influenciam a satisfação do casal. Deste modelo fazem parte *factores centripetos*, *factores centrifugos* e o *factor tempo*. Os *factores centripetos* correspondem à qualidade conjugal, e são os mais directamente criados pela relação conjugal, os quais, por sua vez, são geradores da mesma; incluem: (a) processos afectivos – relacionam-se com os sentimentos, intimidade e compromisso, (b) processos operativos – remetem para a comunicação, os conflitos e a sua resolução, e o controlo relacional, (c) processos cognitivos – integram as percepções, atribuições e expectativas. Os *factores centrifugos*, apesar de igualmente importantes, são mais periféricos ao casal, influenciando e sendo influenciados pela relação conjugal; integram

(a) factores pessoais – como a personalidade, o padrão de vinculação, pressupostos e padrões, (b) factores contextuais – como a profissão, família de origem e rede social, (c) factores demográficos – como a idade, sexo, características educacionais e socioculturais. Por fim, o *factor tempo* (ou percurso de vida) inclui indicadores como o tempo de casamento e as etapas normativas e não normativas do ciclo de vida, e influencia e é influenciado pelos factores centrípetos e centrífugos.

Num estudo de 1985, Rankin e Maneker (cit. por Belsky, 1990) chegaram à conclusão de que 50% dos casais sem filhos se divorciavam nos primeiros cinco anos de casamento e apenas 12,2% dos casais com filhos se vinham a divorciar. A presença de filhos parecia ser, assim, um factor que, pelo menos, atrasava o divórcio. No entanto, vários autores defendem que a presença de crianças está relacionada com uma diminuição da satisfação conjugal, sobretudo nos primeiros tempos de vida do bebé (e.g., ver Belsky, 1990). Uma explicação para este dado prende-se com o facto de que, quando a criança nasce, a quantidade de tempo que os cônjuges podem passar em conjunto diminui drasticamente e isto afecta as suas interações (e.g., Belsky, 1990; Levy-Shiff, 1994). Adicionalmente, verifica-se que as mulheres com filhos, comparativamente com as mulheres sem filhos, estão menos disponíveis para se envolverem com os maridos em actividades fora de casa ou para partilharem ideias e discutirem projectos (ver Belsky, 1990). Quando ambos os pais trabalham fora de casa, eles têm que organizar o tempo que lhes resta para cuidarem dos filhos, da casa, de si mesmos e do seu casamento (Crouter, Perry-Jenkins, Huston, & McHale, 1987), salientando-se que o tempo da mulher para investir noutras actividades é menor do que o do homem já que normalmente é ela quem trata da casa e dos filhos.

Note-se que, por vezes, o tempo e o esforço investido pelas mães no cuidar sozinhas dos filhos conduz não só a satisfação, por estarem envolvidas com os filhos, mas também a insatisfação, por perderem a sua liberdade e se sentirem cansadas (Thompson & Walker, 1989).

Relativamente ao número de filhos, sobressai que, à medida que este número aumenta, o ajuste conjugal e sexual do casal torna-se mais difícil de manter, levando a uma diminuição da satisfação conjugal (Orathinkal & Vansteenwegen, 2007). Por sua vez, Devine e Forehand (1996), apesar de defenderem que o aumento do número de filhos leva a um incremento da pressão no casamento, não encontraram confirmação estatística para esta hipótese.

No que diz respeito à idade da criança, vários autores apontam que esta idade se correlaciona positivamente com a satisfação conjugal do homem (ver Hosley, Canfield, O'Donnell, & Roid, 2008).

Vários estudos indicam que a duração do casamento se relaciona com o declínio da satisfação conjugal ao longo do casamento (e.g., Belsky, 1990, Bradbury e Karney, 2004; Hirschberger, Srivastava, Marsh, Cowan, & Cowan, 2009; Orathinkal & Vansteenwegen, 2007). Contudo para Belsky (1990) a satisfação do casal decresce durante os primeiros 10 anos, aumentando nos 15 anos seguintes.

A religião também pode condicionar a satisfação conjugal, constatando-se que a existência de uma crença religiosa favorece a satisfação conjugal (Antony, 1993; Call & Heaton, 1997; Dudley & Kosinski, 1990; Wolfinger & Wilcox, 2008). Antony (1993) comparou casais com vários graus de religiosidade, verificando que os casais com um nível elevado de religiosidade intrínseca eram os mais satisfeitos no casamento. No mesmo sentido, Dudley e Kosinski (1990) defendem que a religiosidade influencia positivamente a satisfação conjugal na medida em que pessoas com uma crença religiosa intrínseca conseguem estar atentas e compreender as necessidades do cônjuge, ao contrário de se centrarem apenas nas suas necessidades, o que permite aos casais criar laços. As pessoas com uma crença religiosa possuem valores e normas relativos às relações que promovem um maior investimento no casamento e permitem uma visão mais positiva do cônjuge, para além de que a crença religiosa fomenta o bem-estar psicológico e comportamentos pró-sociais e possibilita um maior apoio entre os cônjuges (ver Wolfinger & Wilcox, 2008).

1.1.2 Papéis de Género

Os estereótipos de género caracterizam-se pelo estabelecimento de categorias sociais para cada um dos géneros e definem-se pela presença ou ausência de características específicas em cada grupo (Narciso & Ribeiro, 2009).

Baucom, Notarius, Burnett e Haefner (1990) fizeram um estudo sobre as diferenças entre os homens e as mulheres, e propõem que cada indivíduo varia num continuum, quer numa escala de masculinidade quer numa escala de feminilidade, ao contrário do proposto em teorias anteriores em que o homem apenas era considerado como muito ou pouco masculino e a mulher como muito ou pouco feminina. De acordo com os mesmos autores, a masculinidade caracteriza-se por tarefas instrumentais e orientadas para o êxito, com um elevado nível de movimentação, ambição e assertividade, enquanto a feminilidade se caracteriza por uma especial atenção à vertente emocional, preocupação com as relações interpessoais e responsabilidade.

Os papéis de género transformam-se em comportamentos esperados pela sociedade, por exemplo em termos de expectativas de como o homem e mulher se vão comportar no local de trabalho, na sociedade e na família, designadamente ao nível da gestão das tarefas domésticas e da parentalidade (Narciso & Ribeiro, 2009). Assim, tradicionalmente é esperado que, por exemplo, os homens sejam líderes no local de trabalho e que as mulheres cuidem dos filhos (Idem).

Esta diferenciação entre homens e mulheres tende a persistir mesmo após as mudanças sociais e culturais nos papéis de género ocorridas nas últimas décadas (Amâncio, 1994, cit. por Narciso & Ribeiro, 2009; Poeschl, 2000; Strong, DeVault, & Cohen, 2011). Os efeitos destas mudanças são mais salientes na esfera pública do que na privada, onde não existe ainda uma partilha generalizada das tarefas domésticas e da parentalidade (Poeschl, 2000).

Num estudo de Poeschl e Seródio (1998, cit. por Narciso & Ribeiro, 2009) foram encontradas diferenças relativamente às crenças que homens e mulheres tinham acerca dos seus papéis de género. Os participantes masculinos consideravam que o homem deveria possuir traços tipicamente masculinos e a mulher traços tipicamente femininos, e que ambos deveriam assumir um papel tradicional na sua família. Relativamente às participantes femininas, estas mostravam-se mais igualitárias, mas defendiam que as mulheres tinham competências únicas e que isso justificaria uma separação dos papéis de género. Todos os participantes entendiam que o papel familiar tradicional masculino era inadequado e indesejável.

Num estudo de Baucom et al. (1990) demonstra-se que elevados níveis quer de feminilidade, quer de masculinidade se associam a um nível também elevado de ajustamento conjugal e que o ajustamento conjugal é maior quando o homem tem uma pontuação elevada na escala de masculinidade e a mulher uma pontuação elevada na escala de feminilidade.

Baucom et al. (1990) referem que os papéis de género influenciam directamente a satisfação conjugal e propõem três possíveis explicações para esse facto: (a) a identidade de papéis de género tem uma função reguladora de como se deve agir no casamento – prende-se com o desenvolvimento de um conjunto (mais ou menos abrangente) de comportamentos típicos de cada género para situações familiares específicas, que permite lidar com situações novas, e quanto mais abrangente for este conjunto de comportamentos mais adaptada será a resposta; (b) as características associadas a cada género podem funcionar como “moeda de troca” na relação conjugal – remete para aquilo que cada cônjuge tem para oferecer no casamento, e quanto maior for o conjunto de comportamentos masculinos e femininos que o cônjuge tenha para oferecer, maior será o seu contributo no casamento; (c) o equilíbrio de

poder na relação é afectado pela identidade de papéis de género dos cônjuges – relações mais igualitárias tenderão a ser mais satisfatórias para ambos os cônjuges. No entanto, é importante salientar que as diferenças de género podem contribuir para os problemas conjugais, mas geralmente não são a sua causa (Gottman & Silver, 2001).

Dada a pertinência, no âmbito do presente trabalho, da temática relativa às diferenças de género ao nível das tarefas em casa, ela será explorada a seguir de forma um pouco mais aprofundada.

Antes da entrada em massa da mulher no mundo do trabalho, as diferenças de género eram bastante acentuadas e cada membro do casal sabia o que esperar do outro: tradicionalmente, o homem trabalhava para sustentar a casa, a mulher e os filhos, enquanto a mulher ficava em casa, encarregando-se de todas as tarefas domésticas e do cuidado e educação dos filhos. Actualmente, nos casais em que ambos os membros trabalham fora de casa, a divisão de tarefas domésticas suscita geralmente conflito. Com efeito, apesar de os homens tenderem a achar que não é justo que as mulheres fiquem encarregues de todo o trabalho doméstico, uma vez que elas também têm uma profissão, o que acontece na prática é que são elas quem, de facto, assume aquele tipo de trabalho (ver Craig, 2003; Gottman & Silver, 2001). Para além disso, quando um homem presta ajuda em alguma tarefa ele sente que o seu contributo deve ser claramente reconhecido (Idem).

Os homens raramente se apercebem do que é necessário fazer em casa, sendo as mulheres que os alertam e lhes pedem que façam algo (Narciso & Ribeiro, 2009). Contudo, mesmo em casais cujos maridos ajudam em algumas tarefas domésticas, há sempre diferenças no contributo de cada um (Coltrane, 2000; Narciso & Ribeiro, 2009). Constata-se que existe uma tendência para que as tarefas efectuadas pelas mulheres tenham um carácter mais repetitivo e “sem um fim à vista”, no sentido em que no dia seguinte as mesmas tarefas serão feitas de novo (como arrumar a roupa, lavar a loiça ou cozinhar), enquanto as tarefas executadas pelos homens são geralmente pontuais e adiáveis (como deitar fora o lixo ou reparar algo) (Coltrane, 2000; Narciso & Ribeiro, 2009; Thompson & Walker, 1989).

Apesar de muitas mulheres não se queixarem da divisão desigual das tarefas domésticas, uma divisão injusta deste trabalho tem uma influência negativa na sua satisfação conjugal (ver Narciso & Ribeiro, 2009), sendo importante o planeamento e a partilha das tarefas domésticas, de modo a torná-las mais igualitárias (Idem). Esta partilha de tarefas domésticas está associada a visões menos tradicionais de papéis de género (Thomas & Hildingsson, 2009).

A modernização dos papéis de género traduz-se, de facto, num maior envolvimento do homem nos cuidados aos filhos e nas tarefas em casa (Katzev, Warner, & Acock, 1994), captando-se que o tempo que o pai investe nestes cuidados e tarefas influencia a percepção das mulheres acerca da justiça na divisão destas tarefas (Idem). Mulheres cujos cônjuges as apoiam, quer partilhando as responsabilidades com os filhos e com a casa, quer respeitando a importância que o trabalho tem para elas, apresentam menos sinais de depressão e maior bem-estar, comparativamente com mulheres cujos maridos não as apoiam (Aneshensel & Pearlin, 1987, cit. por Narciso & Ribeiro, 2009). Os mesmos autores demonstram que as mulheres estão também mais satisfeitas com o casamento quando as tarefas domésticas e de cuidado e educação são partilhadas. Verifica-se ainda que a partilha das tarefas em casa se relaciona positivamente com a proximidade do casal e negativamente com o conflito conjugal (Coltrane, 2000).

1.2 Parentalidade e Envolvimento Paterno

1.2.1 Parentalidade

A parentalidade implica um conjunto de “actividades intencionais destinadas a assegurar a sobrevivência e desenvolvimento das crianças” (Hoghugh, 2004, p.5), tendo assim como principal função a sobrevivência dos descendentes (Idem). É um processo tanto biológico como social, referente a indivíduos de gerações diferentes, e que se define como um conjunto de comportamentos, ocorridos numa relação durante toda a vida (Lerner, Rothbum, Boulos, & Castellino, 2002), que fornecem recursos com o objectivo de sobrevivência, cuidados, educação, reprodução e socialização (Lerner, Rothbum, Boulos, & Castellino, 2002; Strong, DeVault, & Cohen, 2011).

Segundo Hoghugh (2004), a parentalidade envolve três grupos de actividades principais: (a) *actividades parentais* – todos os recursos que os pais necessitam para ajudar ao desenvolvimento dos filhos; (b) *áreas funcionais da criança* – âmbitos específicos do modo de funcionar das crianças que requerem atenção; (c) *pré-requisitos* – aspectos como conhecimento e compreensão, motivação, recursos e oportunidades que os pais necessitam para poderem cumprir a sua tarefa.

O grupo das actividades parentais está sub-dividido em *cuidados, controlo e desenvolvimento*. Dos *cuidados* fazem parte não apenas o cumprimento das necessidades físicas (como a alimentação, o abrigo ou a temperatura adequada), mas também das

necessidades emocionais (como o amor) e da necessidade sociais (como o sentido de responsabilidade). Este sub-grupo está relacionado com todos os factores que promovem resiliência face à adversidade, e um desenvolvimento físico, emocional e social positivo. O *controlo* refere-se à implementação de limites na educação da criança. Por sua vez, o sub-grupo *desenvolvimento* é importante, mas dele não depende a sobrevivência da criança (como no caso dos *cuidados*) ou o seu funcionamento social (como no caso do *controlo*); diz respeito às acções que os pais colocam em prática (influenciadas pelos desejos parentais) para estimular o potencial dos filhos e incentivar a realização (Hougughi, 2004).

Actualmente, a parentalidade é deliberadamente atrasada, nomeadamente nas classes mais favorecidas do ponto de vista económico e educacional, o que pode dever-se ao facto de as crianças interferirem noutros objectivos pessoais e sociais de cada elemento do casal (Hougughi, 2004). De facto, a decisão de ter filhos é cada vez menos espontânea e mais planeada, uma vez que ambos os elementos trabalham a tempo inteiro.

Os estudos acerca da temática da parentalidade focam principalmente as mães e a sua importância no desenvolvimento das crianças, no entanto, é hoje largamente reconhecido o importante papel do pai.

1.2.2 Envolvimento Paterno

Tradicionalmente, nas sociedades ocidentais os papéis paterno e materno eram claros e bem definidos. A mulher era responsável por todos os cuidados e pela educação dos filhos, e o pai era apenas o companheiro de brincadeiras ou uma figura substituta da mãe quando necessário (Monteiro, Veríssimo, Castro, & Oliveira, 2006). Era considerado pouco masculino o homem participar nos cuidados prestados às crianças (Rohner & Veneziano, 2001), com excepção de quando actuava como substituto da figura materna.

O aumento significativo da entrada das mulheres no mercado de trabalho, e o número crescente das que constroem uma carreira, conduziu, como antes se referiu, a que a mulher passasse a trabalhar mais horas fora de casa, com uma conseqüente e inevitável redução do tempo disponível para as tarefas da parentalidade (Maitland, 2001, cit. por Hougughi, 2004). Este aspecto, a par de outros, contribuiu para que o envolvimento do pai na família tenha vindo inevitavelmente a alterar-se (e.g., Lamb, 1987; Lamb, Pleck, Charnov, & Levine, 2010).

Apesar de hoje o pai estar mais envolvido na parentalidade do que há umas décadas atrás, parece existir ainda uma alternância entre esta perspectiva mais moderna, de partilha, e uma perspectiva mais tradicional, continuando a existir uma divisão desproporcional dos papéis parentais, já que pais e mães trabalham fora de casa, mas é a mãe quem continua a ser a principal cuidadora dos filhos (Bailey, 2001, cit. por Monteiro et al., 2006).

A maioria das investigações conduzidas no âmbito do envolvimento paterno têm por base a opinião das mães sobre o envolvimento dos cônjuges no crescimento dos filhos, generalizando-se depois os resultados aos pais como se decorressem directamente destes (Ramoneti, 2007). Tal é um dos aspectos que tem tornado difícil definir o envolvimento paterno, considerando-se hoje que ele é um conceito multidimensional em constante evolução (ver Ramoneti, 2007).

Lamb, Pleck e Charnov (1985, cit. por Lamb, Pleck, Charnov, & Levine, 2010) desenvolveram um modelo de classificação do envolvimento paterno que possui três domínios: (a) *Comprometimento* ou *interacção* – remete para a atenção dada à criança, desde os cuidados até às actividades partilhadas (por exemplo, brincar com a criança); (b) *acessibilidade* ou *disponibilidade* – prende-se com o estar acessível à criança, mas não interagir directamente com ela (por exemplo, estar a trabalhar na mesma sala onde a criança está a brincar); (c) *responsabilidade* – relaciona-se com a satisfação das necessidades específicas de uma criança (por exemplo, levá-la ao médico).

Por sua vez, Volling e Belsky (1991), com base no modelo dos determinantes da parentalidade de Belsky (1984), propõem um modelo que identifica três domínios que afectam o envolvimento paterno. O primeiro domínio diz respeito às características do pai e compreende factores como a personalidade, as atitudes e a auto-estima. O segundo domínio refere-se às características da criança, nomeadamente o seu temperamento. Por fim, o terceiro domínio remete para factores contextuais, incluindo-se aqui a satisfação conjugal e a rede social.

Apresenta-se a seguir de forma mais específica resultados de estudos empíricos na área do envolvimento paterno.

O pai despende cada vez mais tempo com os filhos e assume mais responsabilidades no dia-a-dia destes (Park, 1996; Tamis-LeMonda & Cabrera, 2002), passando a ser visto como mais participativo e afectivamente mais envolvido nos cuidados diários e na educação dos filhos, contrariamente ao que tradicionalmente acontecia (Monteiro et al., 2006).

Contudo, e não obstante as mudanças atrás referidas, constata-se que as mães continuam a estar mais envolvidas nos cuidados dos filhos, sendo as cuidadoras principais, enquanto os pais se envolvem mais nas brincadeiras (e.g., Balancho, 2004; Biller, 1993; Craig, 2006; Lamb, 2002; Levy-Schiff & Israelashvili, 1988; Mehall et al., 2009; Park, 1996, 2002). Naturalmente que os pais não são menos aptos para cuidar dos filhos (e.g., Deutsch, 2001; Lamb, 1987, 2002; Narciso & Ribeiro, 2009; Parke, 2002), mas muitos deles acreditam no mito de que as crianças possuem um laço afectivo especial com as mães, que não pode ser igualado pelos pais, e usam-no por vezes para justificar o facto de não se envolverem mais com os filhos (Deutsch, 2001). Na linha do referido, alguns autores acentuam que os pais podem ser tão competentes e responsivos quanto as mães, salientando-se que as crianças são capazes de se vincularem a ambas as figuras parentais, apesar de, por vezes, recorrerem mais à mãe quando estão ansiosas (ver Lamb, 1979; Lamb, Pleck, Charnov, & Levine, 2010). Estudos com recém-nascidos tendem a contrariar a noção de instinto maternal, demonstrando que não existem diferenças significativas entre as competências dos pais e das mães, já que estas são gradualmente adquiridas com a prática (Idem). Nesta linha, alguns autores consideram que, como as mães “praticam” mais do que os pais, elas tornar-se-iam mais sensíveis e atentas aos seus filhos e às suas necessidades (e.g., Lamb, 1987; Parke, 2002).

Uma razão subjacente ao maior envolvimento dos pais nas brincadeiras do que nos cuidados, poderá prender-se com o facto de as brincadeiras não exigirem horários específicos ou rotinas, enquanto os cuidados implicam actividades mais rotineiras, orientadas pela necessidade imediatas da criança (e.g., Craig, 2006; Levy-Schiff & Israelashvili, 1988; Mehall et al., 2009). Assim, o pai poderá participar na brincadeira conforme a sua disponibilidade, e intervalar esta actividade com as suas próprias necessidades, enquanto as mães gerem as suas actividades em função das necessidades da criança (Craig, 2006).

Balancho (2004), num estudo com homens, pais e avós portugueses, verificou que os avós percebem o pai como uma figura de autoridade com uma função disciplinadora, mas que está pouco presente na vida dos filhos. Por seu turno, o pai valoriza a sensibilidade e a compreensão para com a criança, e a sua presença na vida desta, devendo as funções de autoridade e de disciplina serem partilhadas com a mãe. Contudo, dados de Monteiro et al. (2006) não vão no mesmo sentido, indicando que, numa amostra de pais portugueses de crianças com idades compreendidas entre 1 e 6 anos, a mãe é a responsável pelos cuidados e o pai funciona apenas como suporte temporário. Com efeito, apesar de, na actualidade, muitos pais admitirem que não deveriam existir diferenças entre mãe e pai, na prática estas diferenças tendem a permanecer (ver Monteiro, Veríssimo, Santos, & Vaughn 2008).

Lamb (1987) identifica quatro factores para a compreensão da variação do envolvimento paterno, que serão descritos a seguir. Em primeiro lugar, a motivação dos pais para estarem envolvidos com os seus filhos, o quanto desejam esse envolvimento. No entanto, é preciso ter em conta que muitos pais estão motivados e gostariam de passar mais tempo com os filhos do que aquilo que diariamente podem. Em segundo lugar, as competências e a autoconfiança, factores que vão ao encontro do mito anteriormente referido, com base no qual muitos pais se queixam que não possuem competências para cuidar das crianças e que isso os impede de se envolverem mais com os filhos. O terceiro factor é o apoio social, principalmente o apoio das esposas. Algumas mulheres validam a percepção dos homens de que não são suficientemente competentes, e preferem que eles não se envolvam mais (apesar de, aparentemente, desejarem que isso aconteça) porque acreditam que os homens, em vez de ajudar, estarão a criar mais dificuldades. Para além disso, muitas mulheres preferem manter o poder que ainda detêm nesta área, por considerarem que é a principal área em que têm autoridade, não a querendo perder mesmo que para isso fiquem exaustas (Katzev, Warner, & Acock, 1994; Lamb, 1987). Um quarto factor influente no envolvimento paterno diz respeito às práticas institucionais e à liderança social que o emprego dos homens tem sobre o das mulheres. De facto, apesar de a grande maioria das mulheres trabalhar fora de casa, continua a ser atribuída maior importância ao emprego do homem, tendo eles um estatuto superior e recebendo ordenados mais elevados do que as mulheres, pelo que as decisões familiares são habitualmente tomadas em função dos homens e dos seus encargos profissionais (Narciso & Ribeiro, 2009). É também mais fácil para os homens sentirem que estão a cumprir com as suas funções de marido e pai, nomeadamente ao nível da sua participação financeira, uma vez as mulheres têm necessidade de provar que a sua profissão não as torna más mães (Idem).

Volling e Belsky (1991), num trabalho de revisão de literatura, mostram que os pais mais envolvidos têm atitudes mais centradas nas crianças, possuem uma maior auto-estima, são menos ansiosos ou deprimidos, são pessoas estáveis, independentes e com elevados níveis de confiança interpessoal, possuem uma maior satisfação conjugal e percebem as crianças como menos difíceis.

Apesar de todas as mudanças, os papéis tradicionais de género estão, como se referiu, muito enraizados nas sociedades ocidentais, continuando a exercer grande pressão. Por exemplo, é pouco esperado que seja o pai a ficar em casa quando o filho está doente ou que seja o pai a sair do trabalho para ir buscar a criança à escola, mantendo-se entre os portugueses uma tendência para se considerar a mãe como a principal cuidadora dos filhos (ver Monteiro et al., 2006). A divisão tradicional de partilha de funções, em que a mãe se

relaciona com a criança pelos cuidados e o pai através das brincadeiras, proporciona à criança, desde pequena, diferentes tipos de estimulação e o contacto com os papéis de género tradicionais (e.g., Lamb, 1979, 2002).

Um outro factor que parece influenciar o envolvimento paterno é o número de horas que os pais trabalham fora de casa, já que quanto mais horas trabalham menor é o envolvimento nos cuidados e na educação dos filhos (Crouter, Perry-Jenkins, Huston, & McHale, 1987). De facto, pais com cargos elevados ou que estejam mais dedicados ao seu trabalho têm menos tempo e disponibilidade emocional para estar com os seus filhos (ver Levy-Shiff & Israelashvili, 1988).

Por sua vez, Park (1996) realça a associação da idade do pai com o envolvimento paterno, referindo que quanto mais velho é o pai maior é o seu envolvimento, uma vez que pais mais novos trabalham mais para tentar criar carreiras de sucesso ou para sustentar uma família ainda no seu início.

O número de filhos parece estar associado com o envolvimento paterno, no entanto, diferentes estudos mostram associações quer negativas quer positivas. Assim, por um lado, o aumento do número de filhos associa-se com um decréscimo do envolvimento paterno (e também materno), uma vez que a atenção tem que ser distribuída por mais filhos e o pai sente necessidade de trabalhar mais para sustentar a família, por outro lado, o pai passa a envolver-se mais com os filhos mais velhos enquanto a mãe cuida dos mais novos (ver Simões, 2009).

O sexo da criança condiciona também o envolvimento do pai e influencia a satisfação conjugal (Belsky, 1990; Katzev, Warner, & Acock, 1994; Lamb, 2002), sobressaindo que o facto de o filho ser do sexo masculino se associa com um maior envolvimento paterno, o que leva a uma maior estabilidade conjugal (Belsky, 1990; Katzev, Warner, & Acock, 1994; Lamb, 2002), e que as raparigas exigem mais do casal e contribuem para que o pai se envolva menos (Belsky, 1990, Biller, 1993, cit. por Devine & Forehand, 1996).

Por fim, a religião parece também ter uma importante influência no envolvimento paterno uma vez que pais que possuem uma crença religiosa estão mais envolvidos com os filhos (Roggman, Boyce, Cook, & Cook, 2002).

Pleck (1997, cit. por Ramoneti, 2007) faz uma crítica aos estudos na área do envolvimento paterno, considerando que eles colocam sobretudo a tónica na quantidade de tempo que o pai disponibiliza à criança, e seria importante saber se isso é suficiente em termos de efeitos para as crianças e para os próprios pais, propondo que se dê saliência às dimensões qualitativas do comportamento paterno.

1.3 Satisfação Conjugal e Envolvimento Paterno

Existem duas perspectivas gerais acerca do impacto que a parentalidade tem na satisfação do casal. Uma perspectiva positiva, que considera as crianças como “fruto do amor” do casal e como uma fonte de prazer que alimenta a relação, e uma perspectiva negativa, que considera as crianças como fonte de stress e tensão para o casal, tornando-se uma barreira à intimidade e uma causa de conflito (Belsky, 1990). Para o autor, apesar desta perspectiva negativa é importante perspectivar as crianças não como a causa do conflito conjugal, mas antes como um estímulo que “trás ao de cima” as dificuldades conjugais já existentes, reconhecendo contudo que, independentemente de quais forem os efeitos dos filhos no casamento, estes efeitos serão sempre mais negativos para a mulher do que para o homem.

Vários estudos têm relacionado o envolvimento paterno e a satisfação conjugal em amostras clínicas, designadamente no caso de pais de crianças com autismo e atraso mental (Konstantareas & Homatidis, 1992), com hiperactividade e défice de atenção (Arnold, O’Lear, & Edwards, 1997), ou com doença crónica (Gavin & Wysocki, 2006), ou ainda quando os pais apresentam problemas, por exemplo consumo de drogas (Fong & Lam, 2007). No entanto, a relação do envolvimento paterno e da satisfação conjugal em amostras não clínicas está insuficientemente estudada do ponto de vista empírico, designadamente no caso da criança ser mais velha. Acresce que os estudos focam sobretudo a transição para a parentalidade e os primeiros tempos de vida do bebé, para além de que a maior parte avalia sobretudo a perspectiva da mulher (e não do homem) sobre a parentalidade e a satisfação conjugal, e o seu ponto de vista sobre o homem. Na presente investigação, e numa tentativa de contribuir para colmatar estas lacunas não só se aborda o envolvimento paterno na perspectiva do pai (analisando-se este envolvimento e a satisfação conjugal) como as crianças-alvo são mais velhas (idade escolar).

As mulheres experienciam frequentemente uma diminuição da satisfação conjugal durante a transição para a parentalidade (ver Feldman, 2000), o que pode dever-se a uma violação das expectativas no que se refere à participação dos maridos nos cuidados às crianças e nas tarefas domésticas (ver Feldman, 2000). Tem sobressaído que, nesta fase, existe uma divisão desigual das tarefas domésticas e de cuidado, sendo a mulher quem fica prejudicada, mesmo em casais que anteriormente faziam uma divisão de tarefas e responsabilidades (ver Feldman, 2000).

Apenas 33% das mulheres conseguem fazer a transição para a parentalidade sem qualquer consequência para o seu casamento (Gottman & Silver, 2001). Estes autores acompanharam casais durante 8 anos, desde a transição para a parentalidade, e chegaram à conclusão que aquilo que diferencia as mulheres satisfeitas com o casamento, das que sentem uma diminuição da satisfação conjugal ao longo do tempo, não se prende com características da criança ou com a mãe trabalhar ou não fora de casa, mas com o facto de o marido estar presente nesta transição, experienciando a parentalidade em conjunto com a mãe.

A relação da satisfação conjugal com o envolvimento paterno tem conduzido a resultados contraditórios, ora verificando-se que existe uma relação (positiva ou negativa) entre estas dimensões, ora demonstrando-se que elas não se relacionam (ver revisão de literatura de Lee & Doherty 2007).

Quando o pai se envolve nos cuidados e educação da criança, isso permite à mãe dispor de mais tempo para investir em si e na sua carreira, bem como na relação, e satisfaz as necessidades de contacto do pai com a criança, possibilitando que não se sinta excluído da relação mãe-criança (e.g., Levy-Shiff, 1994; Ramoneti, 2007). Também quando as mães confiam na capacidade dos maridos para cuidar dos filhos, a satisfação conjugal de ambos os membros do casal é maior (Bonney, Kelley, & Levant, 1999).

O envolvimento paterno é um importante factor de combate ao stress das mães e interfere, como se referiu, na diminuição da satisfação conjugal na transição para a parentalidade (Feldman, 2000). Os pais envolvidos com os filhos, comparativamente com os pais pouco envolvidos (que se afastam de casa, da esposa e dos filhos), desenvolvem relações mais sensíveis com os seus bebés e cuidam deles, participam nas tarefas em casa e mantêm casamentos mais satisfatórios (Feldman, 2000). Na mesma linha, num estudo de Levy-Shiff (1994) verificou-se que quanto maior era o envolvimento paterno menor era o declínio da satisfação conjugal durante o primeiro ano de vida da criança. Diversos autores (e.g., Coiro & Emery, 1998; Lamb, 2002; Lee & Doherty, 2007; Mehall et al., 2009) encontraram também uma associação positiva entre a satisfação conjugal e o envolvimento paterno, de tal forma que quanto mais satisfeitos os pais estavam com o casamento, mais tempo era despendido com a criança.

Por sua vez, Crouter et al. (1987) alcançam resultados num outro sentido já que, em famílias em que ambos os pais trabalham, quanto mais negativos são os sentimentos pelo cônjuge, maior é o envolvimento paterno. Segundo os autores, isto deve-se à falta de tempo do casal e à pressão que as mães exercem sobre os maridos para que eles as ajudem e se envolvam mais com os filhos; os pais acabam, de facto, por se envolver mais com os filhos,

mas o amor que sentem pelas esposas vai-se deteriorando com as pressões e sentimentos negativos. Outra explicação, proposta pelos autores, é a de que, nestes casais, quando os maridos comparam as suas esposas com esposas que não trabalham fora de casa sentem-se com menos privilégios do que os maridos destas últimas, que apenas cuidam dos filhos e da casa.

Assim, na literatura existem poucos estudos que abordem a satisfação conjugal e o envolvimento paterno, tendo o pai como informante e cuja criança alvo seja mais velha, o que contribui para a pertinência da presente investigação, acrescido do facto, já assinalado, de que em Portugal se carece de pesquisa nesta área.

2. Objectivos e Hipóteses

2.1 Objectivos

O presente estudo foca a satisfação conjugal e o envolvimento paterno, de casais com filhos entre os 6 e os 10 anos, e tem os seguintes objectivos:

Objectivo Geral 1:

Caracterizar a satisfação conjugal do casal.

Objectivo específico:

(a) Analisar a satisfação conjugal do casal (Funcionamento Conjugal e Amor), comparando a percepção desta satisfação no homem e na mulher.

Objectivo Geral 2:

Caracterizar o envolvimento com a criança e nas tarefas domésticas.

Objectivos específicos:

(a) Analisar, na amostra estudada, o envolvimento paterno em áreas da parentalidade (Cuidados, Disponibilidade, Presença e Disciplina), comparando-o com o da amostra do estudo do instrumento utilizado para avaliar esta dimensão.

(b) Caracterizar o grau de envolvimento do homem e da mulher com a criança (Cuidados Diários, Educação e Brincadeiras) e nas tarefas domésticas, e comparar as percepções de ambos.

Objectivo Geral 3:

Relacionar a satisfação conjugal de cada elemento do casal com o envolvimento paterno.

Objectivos específicos:

(a) Relacionar a satisfação conjugal (Funcionamento Conjugal e Amor) do homem e da mulher com o envolvimento paterno em áreas específicas da parentalidade (Cuidados, Disponibilidade, Presença e Disciplina).

(b) Relacionar a satisfação conjugal (Funcionamento Conjugal e Amor) de cada elemento do casal com a percepção do homem sobre si e sobre o cônjuge relativamente ao grau de

envolvimento com a criança (Cuidados Diários, Educação e Brincadeiras) e nas tarefas domésticas.

Secundariamente, analisa-se também a mesma relação, mas considerando a percepção da mulher (sobre si e sobre o cônjuge).

Objectivo Geral 4:

Relacionar a satisfação conjugal e o envolvimento paterno com variáveis demográficas.

Objectivos específicos:

(a) Relacionar a satisfação conjugal (Funcionamento Conjugal e Amor) do homem e da mulher com variáveis sociodemográficas (a idade do homem e da mulher, a duração do casamento, a religião do pai e da mãe, o número de filhos, e o sexo e a idade da criança).

(b) Relacionar o envolvimento paterno em áreas específicas da parentalidade (Cuidados, Disponibilidade, Presença e Disciplina) com variáveis sociodemográficas (a idade do homem e da mulher, a duração do casamento, a religião do pai e da mãe, o número de filhos, e o sexo e a idade da criança).

2.2 Hipóteses

Faculdade de Psicologia
Instituto de Educação
Universidade de Lisboa
BIBLIOTECA

As hipóteses que se colocam, de acordo com a literatura revista e anteriormente apresentada, são:

Hipótese 1: Estima-se que os homens e as mulheres se distingam na percepção da satisfação conjugal (Funcionamento Conjugal e/ou Amor), sendo esta percepção mais positiva nos homens.

Hipótese 2: Homens e mulheres tenderão a atribuir pesos diferentes ao seu próprio envolvimento com a criança (Cuidados Diários e/ou Educação e/ou Brincadeiras) e nas tarefas domésticas, com os homens a atribuir menor peso ao seu envolvimento e maior ao das mulheres.

Hipótese 3: Espera-se encontrar uma relação entre a satisfação conjugal (do homem e da mulher) e o envolvimento paterno (em pelo menos uma das áreas específicas da parentalidade - Cuidados, Disponibilidade, Presença e Disciplina).

Hipótese 4: Prevê-se que os homens mais satisfeitos com o casamento (Funcionamento Conjugal e/ou Amor) se percepcionem como tendo um maior grau de envolvimento com a criança (Cuidados Diários e/ou Educação e/ou Brincadeiras) e participem mais nas tarefas domésticas.

Hipótese 5: Espera-se que a satisfação conjugal da mulher (Funcionamento Conjugal e/ou Amor) seja superior naquelas que percepcionam um maior grau de envolvimento do homem com a criança (Cuidados Diários e/ou Educação e/ou Brincadeiras) e nas tarefas domésticas.

Hipótese 6: Estima-se que, para os homens e para as mulheres, haja uma relação entre a satisfação conjugal (Funcionamento Conjugal e/ou Amor) e alguma(s) das variáveis sociodemográficas.

Hipótese 7: Prevê-se que haja uma relação entre o envolvimento paterno (Cuidados e/ou Disponibilidade e/ou Presença e/ou Disciplina) e alguma(s) das variáveis sociodemográficas.

3. Método

3.1 Participantes

Os participantes da presente investigação são 32 casais heterossexuais. Os critérios definidos para a sua inclusão no estudo prendem-se com serem casados ou viverem em união de facto e possuírem pelo menos um filho(a) no 1º ciclo.

Os participantes do sexo masculino têm idades compreendidas entre os 28 e os 53 anos de idade ($M = 39.3$; $DP = 5.9$) e os do sexo feminino entre os 24 e os 49 anos ($M = 37.4$; $DP = 5.2$). O número de anos do casamento varia entre 3 e 24 ($M = 11.6$; $DP = 4.8$).

Em termos de escolaridade (Quadro 1), a maioria dos participantes possui um curso superior (43.8% dos homens e 40.6% das mulheres) ou 12 anos de escolaridade (21.9% dos homens e 37.5% das mulheres).

Quadro 1

Escolaridade dos Participantes (Frequências e Percentagens)

Escolaridade	Frequência	Percentagem (%)
Homem		
6 anos	0	-
9 anos	7	21.9
12 anos	8	25
Curso profissional	3	9.4
Curso superior	14	43.8
Mulher		
6 anos	1	3.1
9 anos	2	6.3
12 anos	12	37.5
Curso profissional	4	12.5
Curso superior	13	40.6

Nota. $N_H = 32$, $N_M = 32$

No Quadro 2 apresentam-se as frequências e percentagens por categoria profissional dos participantes, observando-se que a maioria dos homens distribuem-se pelas categorias “Especialistas das profissões intelectuais e científicas” e “Técnicos e profissionais de nível intermédio”. No que diz respeito às mulheres, a maioria distribui-se não só pela categoria de “Especialistas das profissões intelectuais e científicas” mas também “Pessoal administrativo e similares”.

Quadro 2*Profissões dos Participantes (Frequências e Percentagens)*

	Frequência	Percentagem (%)
Homem		
Quadros superiores da administração pública, dirigentes e quadros superiores da empresa	3	10
Especialistas das profissões intelectuais e científicas	12	40
Técnicos e profissionais de nível intermédio	8	26.7
Pessoal administrativo e similares	2	6.7
Pessoal dos serviços e vendedores	2	6.7
Operários, artífices e trabalhadores similares	3	10
Mulher		
Especialistas das profissões intelectuais e científicas	14	43.8
Técnicos e profissionais de nível intermédio	2	6.3
Pessoal administrativo e similares	9	28.1
Pessoal dos serviços e vendedores	5	15.6
Trabalhadores não qualificados	1	3.1
Doméstica*	1	3.1

Nota. $N_H = 32$, $N_M = 32$

*Com excepção deste caso, as categorias profissionais foram definidas de acordo com a Classificação Nacional de Profissões (Instituto do Emprego e Formação Profissional, 2001).

No Quadro 3, referente a ter ou não uma crença religiosa, pode observar-se que 62.5% dos homens menciona ter uma crença religiosa, o mesmo acontecendo com 75% das mulheres.

Quadro 3*Crença Religiosa dos Participantes (Frequências e Percentagens)*

Crença Religiosa	Frequência	Percentagem (%)
Homem		
Não	12	37.5
Sim	20	62.5
Mulher		
Não	8	25
Sim	24	75

Nota. $N_H = 32$, $N_M = 32$

O número máximo de filhos é quatro ($M = 1.9$).

As crianças têm idades compreendidas entre os 6 e os 10 anos ($M = 8.0$; $DP = 1.4$), sendo 14 do sexo masculino (43.8%) e 18 do sexo feminino (56.3%). A maioria frequenta os três primeiros anos de escolaridade (Quadro 4).

Apenas três crianças não são filhas de ambos os membros do casal (sendo, nos três casos, filhas somente da mãe).

Quadro 4

Escolaridade dos Filhos dos Participantes (Frequências e Percentagens)

Escolaridade da Criança	Frequência	Percentagem (%)
1º ano	7	21.9
2º ano	9	28.1
3º ano	7	21.9
4º ano	8	25
5º ano	1	3.1

3.2 Instrumentos

Os instrumentos utilizados no presente estudo foram a Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas da Vida Conjugal (Narciso & Costa, 1996), a Escala de Envolvimento Paterno (Simões, 2009; Simões, Leal, & Maroco, 2010) e ainda uma Ficha de Recolha de Informação (Anexo 1).

Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas da Vida Conjugal

Para avaliar a satisfação conjugal, utilizou-se a Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas da Vida Conjugal - EASAVIC (Narciso & Costa, 1996). Esta escala permite obter a visão pessoal e subjectiva que o indivíduo tem acerca do seu casamento, destinando-se, por isso, a pessoas casadas ou a viver em união de facto.

Com base numa revisão de literatura na área da satisfação conjugal, foram definidas duas grandes dimensões, Funcionamento Conjugal e Amor (ver Narciso & Costa, 1996), dividindo-se cada uma delas em cinco áreas. O Funcionamento Conjugal remete para a regulação e organização da relação no casal, assim como com a família e sistemas extra-familiares. As cinco áreas referentes a esta dimensão são Funções Familiares, Tempos Livres, Autonomia, Relações Extra-familiares e Comunicação e Conflitos. O Amor, por sua vez, diz respeito aos sentimentos que cada cônjuge sente pelo outro e/ou pela relação, relacionados com paixão, intimidade e compromisso. As cinco áreas do Amor são Sentimentos e Expressão de Sentimentos, Sexualidade, Intimidade Emocional, Continuidade da Relação e Características Físicas e Psicológicas (Narciso & Costa, 1996).

O questionário integra 44 itens e a resposta aos itens faz-se através de uma escala de tipo Likert com 6 pontos (desde “nada satisfeito” até “completamente satisfeito”). Pontuações mais elevadas indicam níveis mais altos de satisfação conjugal (Narciso & Costa, 1996).

A validade de constructo foi avaliada em dois momentos; primeiro, através de um grupo de juizes, e depois através de uma análise factorial exploratória. Desta análise extraíram-se dois factores (Funcionamento Conjugal e Amor), concordantes com os definidos teoricamente (Narciso & Costa, 1996).

Os valores dos coeficiente *alpha* de Cronbach são .97 para a dimensão Amor e .90 para a dimensão Funcionamento Conjugal, indicando uma elevada consistência interna (Idem).

Escala de Envolvimento Paterno

Para avaliar o envolvimento paterno utilizou-se a Escala de Envolvimento Paterno (EPP), desenvolvida por Simões, Leal e Maroco (2010), a qual permite avaliar a frequência com que o pai se envolve em áreas relativas à parentalidade.

É constituída por 19 itens, com uma escala de resposta tipo Likert com 5 pontos (de “sempre” até “nunca”). Resultados mais elevados correspondem a um maior grau de envolvimento paterno (Simões, Leal, & Maroco, 2010). O instrumento integra ainda um vigésimo item, criado para avaliar o envolvimento relativo das várias figuras cuidadoras (Idem), cuja validade não foi testada por não se enquadrar no mesmo tipo de escala de resposta dos restantes itens.

O estudo da escala foi realizado com 154 pais portugueses com idades compreendidas entre 28 e os 59 anos ($M = 40.2$; $DP = 5.3$), de crianças do 1º ciclo.

Foram identificados quatro factores que explicam 52.32% da variância total – Cuidados, Disponibilidade, Presença e Disciplina.

Os valores dos coeficiente *alpha* de Cronbach são .85 para a escala global, .75 para a subescala Cuidados, .85 para a subescala Disponibilidade e .64 quer para a subescala Presença, quer para a Disponibilidade (Simões, Leal, & Maroco, 2010).

Ficha de Recolha de Informação

No âmbito do presente trabalho construiu-se uma Ficha de Recolha de Informação (FRI – ver Anexo 1) com o objectivo de se obter informação sociodemográfica e referente à

perspectiva dos participantes sobre o grau de envolvimento dos próprios e dos cônjuges com a criança (Cuidados Diários, Educação e Brincadeiras) e tarefas domésticas.

Em termos de conteúdo, a Ficha divide-se em cinco áreas. Uma primeira foca informação sociodemográfica sobre o/a participante, nomeadamente a idade, o sexo, a profissão, a duração do casamento/união de facto e a crença religiosa. Uma segunda área dirige-se à família, incidindo em informação sobre o agregado familiar e o número de filhos do/da participante. A terceira incide em informação referente à criança sobre a qual irá ser averiguado o envolvimento, através de um conjunto de questões que remetem para informação sociodemográfica (idade, sexo, ano de escolaridade e se a criança é filha de ambos os membros do casal ou apenas de um). A quarta área envolve questões em que se pede ao/à participante que classifique (através de uma escala de resposta de 5 pontos, desde “Muitíssimo envolvido” até “Nada envolvido”) o seu grau de envolvimento com a criança ao nível dos cuidados diários, da educação e das brincadeiras, sendo também pedido que avalie o grau de envolvimento do cônjuge com a criança nas mesmas áreas. Por fim, a quinta e última área centra-se nas tarefas domésticas, abordando-se, em particular, a perspectiva do/da participante sobre a frequência quer da sua participação, quer da do cônjuge nestas tarefas, através de questões com uma escala de resposta de 5 pontos (de “Sempre” até “Nunca”). Esta última parte foi introduzida com o intuito de averiguar a percepção da participação nas tarefas domésticas, uma vez que é um domínio importante e influente na satisfação conjugal e no envolvimento paterno, tal como foi abordado no corpo teórico do trabalho.

3.3 Procedimento

As amostras foram recolhidas, maioritariamente, no “Externato Calimero”, em Mem Martins, que integra crianças desde o Jardim de Infância até ao fim do 1º Ciclo. O contacto com o Externato foi efectuado através da sua Directora, tendo-se solicitado, e obtido, as devidas autorizações para a realização do estudo.

O estudo foi apresentado presencialmente aos pais das crianças (ver Anexo 2). Os pais que aceitaram participar assinaram, na altura, uma declaração de consentimento informado (ver Anexo 2), sendo-lhes também entregue um envelope com o material para a participação no estudo. Este envelope continha uma folha com informações sobre como proceder (Anexo 3) e os questionários respectivos.

Os participantes respondiam primeiro à Ficha de Recolha de Informação, em seguida à Escala de Envolvimento Paterno (apenas participantes do sexo masculino) e por fim à EASAVIC (homem e mulher).

Cada envelope possuía um código que o identificava enquanto “membro masculino” e “membro feminino” do mesmo casal, preservando o anonimato. Por exemplo, para o casal 1, o envelope do pai tinha a indicação M1 e o da mãe F1.

Acordou-se que o material seria devolvido à professora do filho ou filha do/da participante, em envelope fechado, até uma data limite combinada.

Dada a dificuldade em se obter, em tempo útil, o número mínimo previsto de respostas de casais, optou-se por completar a recolha fora da instituição. Neste caso, os procedimentos adoptados foram semelhantes. Era apresentado o estudo aos casais que preenchiam os critérios para a inclusão (ser casado ou viver em união de facto e ter pelo menos um filho ou filha a frequentar o primeiro ciclo). Os que aceitaram participar assinaram a declaração de consentimento informado e receberam os envelopes com o material. A diferença neste caso prendeu-se com o facto de a recolha dos questionários se efectuar por correio (ver Anexo 4), sendo previamente fornecidos envelopes com a morada do investigador e a franquia paga.

3.4 Procedimentos Estatísticos

Os resultados obtidos neste estudo foram analisados através do programa estatístico SPSS, versão 18, com base em dois tipos de estatística: descritiva e inferencial. A estatística descritiva foi utilizada para o cálculo da média e do desvio-padrão, dos valores mínimos e máximos, e ainda para a determinação de frequências e percentagens. No caso da estatística inferencial, utilizou-se estatística paramétrica, nomeadamente o teste t de Student quer para uma amostra, quer para duas amostras dependentes, recorrendo-se também a estatística não-paramétrica, designadamente ao teste Wilcoxon para a comparação de duas amostras dependentes.

Para o estudo das correlações entre variáveis em estudo, utilizou-se o Coeficiente de correlação de Pearson (relação entre variáveis métricas), o Coeficiente de correlação de Spearman (relação entre variáveis métricas e ordinais) e o Coeficiente de correlação bisserial por pontos (relação entre variáveis métricas e nominais dicotómicas).

4. Resultados

Neste ponto apresentam-se os resultados do presente estudo, organizados de acordo com cada um dos objectivos definidos.

4.1 Caracterização da Satisfação Conjugal do Casal: Comparação Homem-Mulher

Para a comparação da percepção da satisfação conjugal do homem e da mulher utilizou-se o teste t-Student para amostras dependentes.

Como se pode observar no Quadro 5, não existem diferenças significativas entre os homens e as mulheres relativamente ao Total e às dimensões da satisfação conjugal (Funcionamento Conjugal e Amor).

Quadro 5

Comparação da Percepção da Satisfação Conjugal (EASAVIC) no Homem e na Mulher

	Homem		Mulher		t	p
	M	DP	M	DP		
Funcionamento Conjugal	79.97	16.14	76.91	14.46	-.02	ns
Amor	124.13	20.45	122.00	21.06	-.55	ns
Total	201.09	35.24	198.91	33.95	-.36	ns

Nota. df = 31

4.2 Caracterização do Envolvimento Paterno

4.2.1 Comparação com a Amostra da EPP

Procedeu-se à comparação dos resultados obtidos com os da amostra do estudo da Escala de Envolvimento Paterno - EPP (Simões, Leal, & Maroco, 2010). Utilizou-se, para tal, o teste t de Student a uma amostra, considerando-se como valor de referência a média alcançada no estudo da EPP para o resultado Total e para cada uma das subescalas.

No Quadro 6 apresentam-se os resultados obtidos. As médias das duas amostras são aproximadas em todas as dimensões. Apesar disso, constata-se que existem diferenças significativas entre as duas amostras na subescala Cuidados, obtendo a amostra do presente estudo médias superiores.

Quadro 6*Comparação do Envolvimento Paterno da Amostra do Estudo com a Amostra da EEP*

	Média da Amostra	Média da Amostra EEP	t	p
Cuidados	3.92	3.44	4.84	< .001
Disponibilidade	4.27	4.24	.30	ns
Presença	2.50	2.70	-1.46	ns
Disciplina	3.07	3.04	.34	ns

Nota. df = 31

Face ao último item da EEP (Item 20) com uma resposta em percentagem relativa ao envolvimento quer do pai, quer da mãe, quer de outros familiares ou professores, sobressai que para 50.1% dos homens da amostra a criança está 20 a 30% do tempo ao seu cuidado, tendo 21.9% a perspectiva que a criança está ao cuidado da mãe 40% do tempo; para 12.5% esta percentagem é 30, para 12.5% ela é 50 e para 12.6% a criança está ao cuidado da mãe 70 a 80% do tempo. Relativamente à percentagem de tempo que a criança está ao cuidado de familiares, 28.1% dos pais referem que esta situação não acontece, mencionando 46.9% que a percentagem é 10. Para 25% dos pais a criança está ao cuidado de professores/educadores durante 30% do tempo, considerando 21.9% que essa duração é de 50%.

4.2.2 Análise e Comparação do Grau de Envolvimento do Homem e da Mulher com a Criança e nas Tarefas Domésticas

A informação relativa ao grau de envolvimento do homem e da mulher com a criança (Cuidados Diários, Educação e Brincadeiras) e nas tarefas domésticas decorre de um conjunto de questões integradas na Ficha de Recolha de Informação - FRI (ver Anexo 1).

Como se pode observar no Quadro 7, a maioria dos homens classifica-se como moderada ou muito envolvido nos cuidados diários (75%) e na educação (78.2%), enquanto a maioria das mulheres se perspectiva como “muito” ou “muitíssimo” envolvida nestas áreas, respectivamente 87.6% nos Cuidados e a totalidade na Educação, entendendo ainda a maior parte dos homens (78.1%) e das mulheres (71.9%), que está moderada ou muito envolvida nas brincadeiras.

No que se refere à classificação do grau de envolvimento do cônjuge nas mesmas áreas, a quase totalidade dos homens considera que as mulheres estão “muito” ou “muitíssimo” envolvidas nos cuidados diários e educação, e cerca de 80% das mulheres que eles estão moderada ou muito envolvidos nestas mesmas áreas (respectivamente 81.4% e 81.3%). De referir que 9.4% das mulheres acham que o cônjuge está pouco ou nada envolvido na

educação da criança e idêntica percentagem que ele está pouco envolvido nos cuidados. Relativamente às brincadeiras, os homens entendem que 71.9% das mulheres estão moderada ou muito envolvidas, o mesmo acontecendo com 87.6% das mulheres face aos maridos.

Relativamente ao grau de envolvimento nas tarefas domésticas (Quadro 8), a maioria dos homens e mulheres acha que o seu envolvimento nestas tarefas é frequente ou mesmo muito frequente (75% dos homens e 71.9% das mulheres). De mencionar também que 75% dos homens referem que a mulher se envolve sempre nas tarefas domésticas (e nos restantes casos esse envolvimento é “frequente” ou “muito frequente”), tendo apenas 37.5% das mulheres idêntico posicionamento face aos homens. De notar, contudo, que apenas em três casos elas identificam a participação dos maridos como sendo pouco frequente (nos outros casos a participação é “frequente” ou “muito frequente” – 53.1%).

Quadro 7

Grau de Envolvimento com a Criança (Cuidados Diários, Educação e Brincadeira) - Frequências/Percentagens

Grau de Envolvimento	Homem			Mulher		
	C	E	B	C	E	B
Próprio/a						
Nada	-	-	-	-	-	-
Pouco	4/12.5	2/6.3	-	-	-	3/9.4
Moderadamente	9/28.1	6/18.8	12/37.5	4/12.5	-	9/28.1
Muito	15/46.9	19/59.4	13/40.6	11/34.5	15/46.9	14/43.8
Muitíssimo	4/12.5	5/15.6	7/21.9	17/53.1	17/53.1	6/18.8
Cônjuge						
Nada	-	-	-	-	1/3.1	-
Pouco	-	-	-	3/9.4	2/6.3	-
Moderadamente	1/3.1	2/6.3	10/31.3	11/34.5	8/25.0	10/31.3
Muito	19/59.4	17/53.1	13/40.6	15/46.9	18/56.3	18/56.3
Muitíssimo	12/37.5	13/40.6	9/28.1	3/9.4	3/9.4	4/12.5

Nota. C – Cuidados diários, E – Educação, B – Brincadeiras; $N_H = 32$, $N_M = 32$

Quadro 8*Grau de Envolvimento nas Tarefas Domésticas - Frequências/Percentagens*

	Homem	Mulher
Próprio/a		
Nunca	1/3.1	1/3.1
Pouco Frequente	2/6.3	4/12.5
Frequente	13/40.6	13/40.6
Muito Frequente	11/34.4	10/31.3
Sempre	5/15.6	4/12.5
Cônjuge		
Nunca	-	-
Pouco Frequente	-	3/9.4
Frequente	4/12.5	9/28.1
Muito Frequente	4/12.5	8/25.0
Sempre	24/75.0	12/37.5

$N_H = 32, N_M = 32$

Para se proceder à comparação da perspectiva dos homens e das mulheres sobre o envolvimento com a criança (Cuidados diários, Educação e Brincadeiras) e nas tarefas domésticas, utilizou-se o teste não-paramétrico Wilcoxon para amostras dependentes.

No Quadro 9 observa-se que são significativos os resultados relativos à percepção do envolvimento do/a próprio/a e do cônjuge nos cuidados diários e na educação e ainda à percepção do envolvimento do cônjuge nas tarefas domésticas.

Verifica-se que as mulheres atribuem mais peso do que os homens ao seu próprio envolvimento nos cuidados diários e na educação, ao passo que os homens atribuem um maior peso face às mulheres quando classificam o envolvimento do cônjuge nos cuidados diários e na educação, assim como nas tarefas domésticas.

Quadro 9

Comparação entre Homens e Mulheres no Grau de Envolvimento com a Criança e nas Tarefas Domésticas

	N	Média das Ordens	Soma das Ordens	Z
PEP Cuidados diários				H<M
Ordens negativas	20	12.6	252.0	
Ordens positivas	3	8.00	24.0	-3.56***
Empates	9			
PEP Educação				H<M
Ordens negativas	19	11.82	224.50	
Ordens positivas	3	9.50	28.50	-3.41**
Empates	10			
PEP Brincadeiras				H>M
Ordens negativas	10	10.70	107.00	
Ordens positivas	12	12.17	146.00	
Empates	10			
PP Tarefas domésticas				H<M
Ordens negativas	11	8.18	90.00	
Ordens positivas	4	7.50	30.00	-1.74
Empates	17			
PEC Cuidados				H>M
Ordens negativas	1	7.50	7.50	
Ordens positivas	19	10.66	202.50	-3.80***
Empates	12			
PEC Educação				H>M
Ordens negativas	3	7.50	22.50	
Ordens positivas	17	11.03	187.50	-3.21**
Empates	12			
PEC Brincadeiras				H<M
Ordens negativas	7	11.86	83.00	
Ordens positivas	13	9.77	127.00	
Empates	12			
PC Tarefas domésticas				H>M
Ordens negativas	4	5.50	22.00	
Ordens positivas	22	14.95	329.00	-3.96***
Empates	6			

Nota. PEP = Percepção do envolvimento do/a próprio/a; PEC = Percepção do envolvimento do cônjuge; PP = Percepção do/a próprio/a; PC = Percepção do cônjuge

p < .01, *p < .001

4.3 Relação entre a Satisfação Conjugal e o Envolvimento Paterno

4.3.1 Relação da Satisfação Conjugal do Homem e da Mulher com o Envolvimento Paterno

Utilizou-se o coeficiente de correlação de Pearson para analisar a relação entre os resultados da satisfação conjugal, nas dimensões Funcionamento Conjugal e Amor, e os resultados na EEP - Cuidados, Disponibilidade, Presença e Disciplina.

Os resultados, apresentados no Quadro 10, indicam que apenas a subescala Presença se correlaciona positiva e significativamente com a satisfação conjugal do pai, tanto na

dimensão Funcionamento Conjugal como na dimensão Amor, ainda que neste último caso o resultado seja marginalmente significativo.

Quadro 10

Correlação entre a Satisfação Conjugal (EASAVIC) e o Envolvimento Paterno (EEP)

EASAVIC	EEP			
	Cuidados	Disponibilidade	Presença	Disciplina
Homem				
Funcionamento Conjugal	.08	-.02	.37*	-.20
Amor	.05	.12	.34†	-.30
Mulher				
Funcionamento Conjugal	-.06	-.27	.24	-.03
Amor	.09	-.24	.32	-.14

*p <.05, † p=.058 - marginalmente significativo

4.3.2 Relação da Satisfação Conjugal do Homem e da Mulher com o Grau de Envolvimento com a Criança e nas Tarefas Domésticas

Procedeu-se à análise da satisfação conjugal (Funcionamento Conjugal e Amor) do homem e da mulher com a percepção que o homem tem sobre si mesmo e sobre o cônjuge relativamente ao grau de envolvimento com a criança (Cuidados Diários, Educação e Brincadeiras) e nas tarefas domésticas, explorando-se também a perspectiva da mulher (sobre si e sobre o cônjuge). Utilizou-se para isso o Coeficiente de correlação de Spearman.

No caso do homem, e conforme se observa no Quadro 11, obtém-se uma correlação positiva, entre a dimensão Amor e a percepção que este tem acerca do envolvimento da mulher nas brincadeiras com o(a) filho(a). No caso da mulher, verifica-se que há uma correlação positiva entre a dimensão Funcionamento Conjugal e a percepção acerca do seu envolvimento nas brincadeiras com a criança. Estes resultados indicam que quanto mais positiva for a percepção que tanto o homem como a mulher têm acerca do envolvimento da mulher nas brincadeiras com a criança, maior será a satisfação conjugal (da mulher na dimensão Funcionamento Conjugal e do homem na dimensão Amor).

Relativamente às tarefas domésticas, obtém-se correlações positivas entre a satisfação conjugal (Funcionamento Conjugal e Amor) e a perspectiva da mulher sobre a participação do cônjuge nestas tarefas, obtendo-se ainda uma correlação negativa entre o Funcionamento Conjugal e a percepção que as mulheres têm acerca da sua participação nas tarefas domésticas. Os resultados indicam que quanto mais os cônjuges participam nas tarefas domésticas maior é a satisfação conjugal das mulheres e que quanto maior é o envolvimento da mulher nestas tarefas menor é a sua satisfação em termos de Funcionamento Conjugal.

Quadro 11

Correlação entre a Satisfação Conjugal (EASAVIC) e o Envolvimento com a Criança e nas Tarefas Domésticas (FRI), no Homem e na Mulher

	Homem		Mulher	
	Funcionamento Conjugal	Amor	Funcionamento Conjugal	Amor
Homem				
PEP Cuidados diários	.24	.08	.10	-.06
PEP Educação	.10	.13	-.02	-.11
PEP Brincadeiras	-.07	-.12	-.09	-.15
PP Tarefas domésticas	-.16	-.03	-.32	-.09
<hr/>				
PEC Cuidados diários	.08	.13	.21	.16
PEC Educação	.12	.14	.09	.02
PEC Brincadeiras	.25	.44*	.03	.27
PC Tarefas domésticas	.18	.12	-.28	-.18
<hr/>				
Mulher				
PEP Cuidados diários	.05	-.04	-.22	-.18
PEP Educação	.01	-.02	-.23	-.20
PEP Brincadeiras	.31	.13	.47**	.32
PP Tarefas domésticas	.07	.13	-.37*	-.19
<hr/>				
PEC Cuidados diários	.00	.02	.07	.23
PEC Educação	.27	.27	.18	.17
PEC Brincadeiras	-.05	-.13	.07	.05
PC Tarefas domésticas	.16	.17	.36*	.56***

Nota. PEP = Percepção do envolvimento do/a próprio/a; PEC = Percepção do envolvimento do cônjuge; PP = Percepção do/a próprio/a; PC = Percepção do cônjuge

*p <.05, **p <.01, ***p <.001

4.4 Relação da Satisfação Conjugal e do Envolvimento Paterno com Variáveis Sociodemográficas

4.4.1 Relação entre a Satisfação Conjugal e Variáveis Sociodemográficas

Neste ponto analisa-se a relação entre a satisfação conjugal (Funcionamento Conjugal e Amor) e variáveis sociodemográficas. Utilizou-se o Coeficiente de correlação de Pearson quando a relação é com variáveis métricas (idade do homem e idade da criança, duração do casamento e número de filhos), e o Coeficiente de correlação bisserial por pontos quando a relação é com variáveis nominais dicotômicas (ter ou não ter crença religiosa – homem/mulher - e o sexo da criança).

Os resultados (Quadro 12) indicam que, nas amostras em estudo, apenas o número de filhos se correlaciona com a satisfação conjugal do homem (Funcionamento Conjugal e Amor) e da mulher (Funcionamento Conjugal); as correlações são todas negativas.

Quadro 12

Correlação entre a Satisfação Conjugal (EASAVIC) e Variáveis Sociodemográficas

	Homem		Mulher	
	Funcionamento	Amor	Funcionamento	Amor
Idade do homem	.03	-.03	-.07	-.22
Idade da mulher	-.09	.06	-.06	-.08
Nº Anos casamento	-.11	-.07	.02	-.14
Nº filhos	-.47**	-.39**	-.35*	-.19
Crença religiosa - homem	.20	.28	-.22	-.23
Crença religiosa - mulher	-.01	-.09	.12	-.19
Sexo da criança	-.06	-.14	.12	-.01
Idade da criança	.21	.14	.09	-.15

*p <.05, **p <.01

4.4.2 Relação entre o Envolvimento Paterno e Variáveis Sociodemográficas

Para analisar a relação do envolvimento paterno (EEP) com as variáveis sociodemográficas consideradas, e à semelhança do que foi feito no ponto anterior, utilizou-se o Coeficiente de correlação de Pearson para a relação com variáveis métricas e o Coeficiente de correlação bisserial por pontos para a relação com variáveis nominais dicotómicas (Quadro 13).

Obtém-se uma correlação significativa inversa da idade do homem e da mulher com os Cuidados, e uma correlação significativa positiva desta dimensão com a mulher e o homem terem uma crença religiosa, mas neste último caso o resultado é apenas marginalmente significativo.

Quadro 13

Correlação entre o Envolvimento Paterno (EEP) e Variáveis Sociodemográficas

	Cuidados	Disponibilidade	Presença	Disciplina
Idade do homem	-.35*	-.07	-.25	-.23
Idade da mulher	-.39*	-.21	-.08	.30
Nº Anos casamento	-.25	-.02	-.16	-.18
Nº filhos	.10	-.14	-.03	.04
Crença religiosa - homem	.34†	.12	.16	.03
Crença religiosa - mulher	.64***	.00	.25	.12
Sexo da criança	.01	-.30	-.01	.27
Idade da criança	-.14	-.11	.25	-.15

*p <.05, **p <.01, † p=.059 - marginalmente significativo

5. Discussão

Neste ponto serão discutidos os resultados obtidos, de acordo com os objectivos e as hipóteses colocadas inicialmente.

Ao analisar-se a satisfação conjugal (Objectivo Geral 1), previa-se que os homens e as mulheres se distinguissem nos níveis de satisfação com o casamento (Hipótese 1), uma vez que na literatura vários estudos indicam que os homens, comparativamente com as mulheres, se percebem como mais satisfeitos (Campbell, Converse, & Rodgers, 1979; Orathinkal & Vansteenwegen, 2007; Perlin & Diniz, 2005; Rhyne, 1981). Contudo, tal hipótese não é confirmada uma vez que no presente estudo não se encontraram diferenças significativas entre os homens e as mulheres na percepção da satisfação conjugal. Os resultados obtidos podem indicar também a possibilidade de que haja na maioria dos casais uma divisão de papéis relativamente equilibrada nas amostras do estudo, e que existam níveis altos de acordo conjugal face à criança, e investimento na intimidade, aspectos importantes para a satisfação conjugal e que poderiam contribuir para uma percepção semelhante desta satisfação nos membros do casal.

No que se refere ao envolvimento paterno, a comparação dos participantes deste estudo com os do estudo da Escala de Envolvimento Paterno (EEP), mostra que ambos os grupos apresentam resultados semelhantes, distinguindo-se significativamente apenas nos cuidados prestados à criança (subescala Cuidados), estando os participantes do presente estudo mais envolvidos, em média, nessa área específica. Uma vez que as amostras são relativamente similares em termos sociodemográficos (por exemplo, na idade e escolaridade) é possível que esta diferença se deva a outros factores mais relacionados com a distribuição das tarefas em casa e com o próprio casamento, designadamente em termos de satisfação, uma vez que se sabe que quanto mais os homens estão satisfeitos com o casamento maior é a sua participação nas tarefas relativas à criança (Bonney, Kelley, & Levant, 1999; Lamb, 2002; Lee & Doherty, 2007; Mehall et al., 2009).

Mais de metade dos pais acha que as crianças passam mais tempo com as mães do que com eles, passando ainda pouco tempo com outros familiares.

Da análise do envolvimento com a criança e nas tarefas domésticas (Objectivo Geral 2), sobressai que as mulheres consideram em maior número que estão mais envolvidas do que os homens nos cuidados diários e educação, referindo maioritariamente que se encontram

“muito” ou “muitíssimo” envolvidas nestas áreas, mas a maior parte classifica o seu grau de envolvimento nas brincadeiras de forma equivalente à do homem (“moderadamente” e “muito”). Quando descrevem o envolvimento do cônjuge, a quase totalidade dos homens entende que as mulheres têm um elevado grau de envolvimento (“muito”/“muitíssimo”) nos cuidados diários e educação, sendo a percentagem menor para as brincadeiras. Por sua vez, a perspectiva da maioria das mulheres é a de que o envolvimento do cônjuge é moderado a alto nas três áreas, mas a percentagem relativa ao envolvimento nas brincadeiras é mais elevada do que a referida pelos homens face a elas.

Relativamente às tarefas domésticas, ambos os membros do casal mencionam, maioritariamente, que participam de forma assídua nas tarefas em casa (“frequentemente”/“muito frequentemente”). Três quartos dos homens consideram que a mulher se envolve “sempre” nas tarefas domésticas (sendo também assídua a participação das restantes), enquanto na perspectiva das mulheres apenas pouco mais de um terço dos homens (37.5%) estão nesta situação (mas os restantes também participam com frequência).

A comparação dos homens e das mulheres permitiu identificar que, na linha da leitura descritiva antes feita, os homens atribuem menos peso do que as mulheres ao seu próprio envolvimento nos cuidados diários e na educação, e atribuem mais peso do que as mulheres ao envolvimento do cônjuge nos cuidados diários, na educação e nas tarefas domésticas, o que confirma a Hipótese 2.

Estes resultados podem denotar que a mulher continua a ser, de facto, a principal prestadora de cuidados aos filhos e a principal responsável pelas tarefas domésticas, apesar das mudanças na sociedade, reforçando o mencionado por outros autores (ver Balancho, 2004; Craig, 2006; Lamb, 2002; Levy-Schiff & Israelashvili, 1988; Mehall et al., 2009; Parke, 2002). Os resultados indicam ainda que homens e mulheres têm uma percepção semelhante em termos da importância atribuída ao envolvimento nas brincadeiras, não obstante captar-se uma tendência para as mulheres atribuírem uma maior importância ao envolvimento do homem neste domínio o que poderá enquadrar-se nos estudos que dão saliência ao papel do pai como companheiro de brincadeira da criança (e.g., Craig, 2006; Lamb, 2002; Mehall et al., 2009)

Relativamente à relação entre a satisfação conjugal e o envolvimento paterno em áreas específicas da parentalidade avaliadas através da EEP (Objectivo Geral 3), não se obtiveram resultados significativos no caso da mulher, mas no caso do homem sobressai que, quanto mais os pais estão presentes nas actividades diárias das crianças, maior é a satisfação conjugal do homem (Funcionamento Conjugal e Amor, ainda que neste último caso o resultado seja

marginalmente significativo). Este resultado é também concordante com o defendido por alguns autores (e.g., Coiro & Emery, 1998; Feldman, 2000; Lamb, 2002; Lee & Doherty, 2007; Mehall et al., 2009). Os dados confirmam em parte a Hipótese 3, uma vez que nela se previa que a satisfação conjugal quer do homem quer da mulher se encontraria relacionada com, pelo menos, uma das áreas específicas do envolvimento paterno, e tal não aconteceu para a análise relativa à mulher. Este último dado é contrário à literatura que aponta para que a satisfação da mulher como estando positivamente relacionada com o envolvimento paterno (e.g., Feldman, 2000; Gottman & Silver, 2001; Levy-Shiff, 1994). É possível que tal divergência se deva ao facto de, neste estudo, aparentemente serem poucos os homens com um baixo envolvimento com a criança, e que isso tenha consequências para a satisfação das mulheres.

Por sua vez, os resultados decorrentes da análise da relação da satisfação conjugal dos homens com questões da FRI não conduzem a uma associação positiva da satisfação com o grau de envolvimento quer com a criança (nos cuidados diários, educação e brincadeiras) quer nas tarefas domésticas, não se confirmando assim a hipótese que a previa (Hipótese 4). Contudo, ocorre uma associação positiva entre a dimensão Amor e a percepção por parte do homem de maior envolvimento da mulher nas brincadeiras com a criança, denotando que os homens que perspectivam a mulher como mais envolvida nas brincadeiras com o(a) filho(a) terão mais sentimentos positivos por ela, nomeadamente no que toca por exemplo à intimidade e ao compromisso. É de notar ainda que a mulher se sente mais satisfeita (Funcionamento Conjugal) quanto mais envolvida está nas brincadeiras com a criança.

No caso das mulheres, sobressai que elas se perspectivam como mais satisfeitas (Funcionamento Conjugal e Amor) quando o homem está mais envolvido nas tarefas domésticas, o que vai no mesmo sentido dos resultados de Coltrane (2000) e de Aneshensel e Pearlin (1987, cit. por Narciso & Ribeiro, 2009). Acresce que elas se sentem tanto menos satisfeitas (Funcionamento Conjugal) quanto mais envolvidas estão nas tarefas domésticas. Tal poderá acontecer nos casos em que as mulheres consideram que os homens não participam com o envolvimento que elas gostariam, o que parece associar-se com uma percepção menos positiva do modo como os elementos do casal se organizam nas interacções dentro e fora da família.

No entanto, e tal como já tinha acontecido face à EEP, não se observa uma associação entre a satisfação conjugal da mulher e o grau de envolvimento do homem com a criança (cuidados diários, educação e brincadeiras), o que é contrário ao referido em alguns estudos (Bonney, Kelley, & Levant, 1999; Feldman, 2000; Gottman & Silver, 2001; Levy-Shiff,

1994) em que se defende que as mulheres cujos maridos se envolvem no cuidado e educação das crianças se sentem mais satisfeitas, comparativamente com mulheres cujos maridos não se envolvem. Os resultados confirmam apenas em parte a hipótese colocada (Hipótese 5), uma vez que nela se previa que a satisfação conjugal da mulher fosse superior nas que percepcionavam um maior grau de envolvimento do homem não só nas tarefas domésticas, mas também com a criança.

No que diz respeito à relação das variáveis sociodemográficas com a satisfação conjugal e com o envolvimento paterno (Objectivo Geral 4), verifica-se que, no caso da satisfação conjugal, quanto maior o número de filhos menor é a satisfação tanto do homem (Funcionamento Conjugal e Amor) como da mulher (Funcionamento Conjugal), o que, aliás, é referido por alguns autores (e.g., Orathinkal & Vansteenwegen, 2007). Tal indica que, quanto mais filhos o casal tem maior é a sua dificuldade em conseguir organizar o dia-a-dia com o cônjuge, nomeadamente a maneira como gerem a sua autonomia, os tempos livres, as funções familiares ou as relações extra-familiares, acrescido de que, no caso do homem, o sentimento pelo cônjuge diminui, comprometendo de alguma forma a paixão, intimidade e/ou compromisso. Estes resultados confirmam a Hipótese 6.

No caso da relação com o envolvimento paterno em áreas específicas da parentalidade (EEP), verifica-se que quanto mais velhos são os elementos do casal (homem/mulher) menos o pai se envolve na área dos cuidados da criança. Este resultado diverge do ressaltado na revisão de literatura de Park (1996), onde se realça que quanto mais novo é o pai menos tempo ele dispõe para cuidar dos filhos, uma vez que se encontra focado no trabalho e no sustento da família, enquanto os pais mais velhos já possuem alguma estabilidade profissional/financeira que lhes permite dedicar mais tempo às crianças. Contudo, o resultado obtido poderá sugerir que alguns dos casais mais velhos tenham uma visão mais tradicional da divisão das tarefas e que tal tenha consequências no grau de envolvimento do pai nos cuidados. Os resultados mostram ainda que o facto de o casal (homem/mulher) ter uma crença religiosa se associa com o maior envolvimento do homem nos cuidados (ainda que a associação com a crença religiosa do homem seja apenas tendencial), o que é concordante com o referido na literatura sobre esta temática (e.g., Roggman, Boyce, Cook, & Cook, 2002). Nesta sequência, confirma-se a Hipótese 7, em que se previa uma associação entre alguma(s) das variáveis sociodemográficas e o envolvimento paterno.

Em suma, confirmaram-se cinco hipóteses das sete colocadas, três na totalidade (Hipóteses 2, 6 e 7) e duas em parte (Hipóteses 3 e 5), tendo duas delas sido refutadas (Hipóteses 1 e 4).

O presente estudo apresenta algumas limitações, destacando-se em seguida as principais. Uma primeira limitação prende-se com o número reduzido de participantes, o que condiciona as conclusões a retirar. No futuro, uma replicação do estudo com um número superior de casais deverá ter também em consideração a representatividade da amostra. O facto de os participantes terem respondido aos instrumentos sem a presença da investigadora não permitiu controlar se houve ou não partilha de informação entre os elementos do casal durante o preenchimento dos questionários (apesar de se ter procurado obstar a que tal acontecesse), o que poderá ter enviesado alguns dos resultados. Uma outra limitação do estudo prende-se com poderem existir efeitos de desejabilidade social não controlados. Uma última limitação remete para o facto de os procedimentos estatísticos utilizados não permitirem inferir causalidade.

Estudos futuros deverão integrar amostras de maior dimensão, sendo importante que neles se considere, variáveis potencialmente influentes na satisfação conjugal e no envolvimento paterno, designadamente pessoais (e.g., características de personalidade), relacionais (e.g., comunicação e resolução de problemas no casal) e contextuais (e.g., apoio social e número de horas que cada elemento do casal trabalha fora de casa). Igualmente pertinente seria que novos estudos contemplassem dimensões qualitativas do comportamento paterno. A realização de estudos longitudinais, que acompanhem o casal na transição para a parentalidade e vários anos após o parto, seria benéfica uma vez que possibilitaria avaliar as variações na satisfação conjugal e no envolvimento com a criança ao longo de algumas etapas de vida do casal.

Por fim, sugere-se que, a par de metodologias quantitativas, se utilizem metodologias qualitativas (com recurso, por exemplo, a entrevistas semi-estruturadas), permitindo a obtenção de uma maior riqueza de dados e da análise interpretativa.

6. Conclusão

O principal objectivo deste trabalho prende-se com o estudo da relação entre a satisfação conjugal e o envolvimento paterno, tendo-se utilizado para a avaliação destas dimensões, respectivamente, a Escala de Avaliação em Áreas de Vida Conjugal (EASAVIC; Narciso & Costa, 1996), e a Escala de Envolvimento Paterno (EPP; Simões, Leal, & Maroco, 2010). Construiu-se ainda uma Ficha de Recolha de Informação com o intuito de se obterem dados sociodemográficos e relativos ao grau de envolvimento quer com a criança, quer nas tarefas domésticas. Participaram no estudo 32 casais heterossexuais pais de crianças entre os 6 e os 10 anos.

Os resultados mostram uma tendência para se manterem as diferenças de género no envolvimento nos cuidados, e nas tarefas domésticas, apesar das mudanças ocorridas na sociedade relativas à entrada da mulher no mercado de trabalho, o que é sintónico com a perspectiva de que, não obstante o envolvimento do homem nos cuidados e educação da criança estar a aumentar, a mulher continua a ser a cuidadora principal dos filhos e da casa (e.g., Balancho, 2004; Craig, 2006; Lamb, 2002; Levy-Schiff & Israelashvili, 1988; Mehall et al., 2009; Parke, 2002). Nesta linha, homens e mulheres também atribuem pesos diferentes ao seu envolvimento, com o homem a atribuir menos peso do que a mulher ao envolvimento nos cuidados e educação, e maior importância ao envolvimento do cônjuge nestas áreas e nas tarefas domésticas. Contudo, os resultados também apontam para que, num número importante de casos, o envolvimento do homem com os filhos é claramente identificado, na perspectiva do homem e do cônjuge, denotando o maior investimento que o homem actualmente tem nesta área.

Relativamente à satisfação conjugal, os membros do casal não se distinguem nos níveis de satisfação conjugal experimentados. O número de filhos interfere com a satisfação conjugal (Funcionamento Conjugal) de tal forma que quanto maior o número de filhos que o casal tem, maior é a sua dificuldade em se organizar diariamente, quer entre si e nos domínios da relação, quer eventualmente com a família e rede social. Acresce que, no caso do homem, o número de filhos parece interferir com níveis como a paixão, intimidade ou compromisso (Amor).

Face ao envolvimento paterno, o facto de os casais serem mais velhos aparenta ser prejudicial ao envolvimento do pai nos cuidados prestados à criança, colocando-se a hipótese de tal estar relacionado, uma vez mais, com uma visão mais tradicional da divisão de papéis

(afastando o homem das tarefas de cuidado), mas o casal ter uma crença religiosa associa-se com uma maior participação do homem nos cuidados à criança.

A relação da satisfação conjugal com o envolvimento paterno indica que quanto mais o homem se sente satisfeito no casamento mais presente está na vida da criança. No entanto, e apesar da literatura o evidenciar (Bonney, Kelley, & Levant, 1999; Feldman, 2000; Gottman & Silver, 2001; Levy-Shiff, 1994), não foi encontrada uma relação entre o envolvimento paterno e a satisfação conjugal da mulher. Contudo, as mulheres mostram-se mais satisfeitas com o casamento (Funcionamento Conjugal e Amor) quando o homem participa nas tarefas domésticas, o que, como já se referiu, é consistente com o encontrado por outros autores (e.g., Coltrane, 2000; Aneshensel & Pearlin, 1987, cit. por Narciso & Ribeiro, 2009).

Com o presente estudo pretendeu-se aumentar o conhecimento relativo à temática analisada, satisfação conjugal e envolvimento paterno, a qual tem sido insuficientemente explorada em Portugal, esperando-se que os resultados obtidos motivem a realização de novos estudos e que a informação deles decorrente possa ter aplicação em programas de informação/ajuda a casais.

Referências Bibliográficas

- Anthony, M. J. (1993). The relationship between marital satisfaction and religious maturity. *Religious Education, 88*(1), 97-108.
- Arnold, E. H., O'Leary, S. G., & Edwards, G.H. (1997). Father involvement and self-reported parenting of children with attention deficit-hyperactivity disorder. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 65*, 337-342.
- Balancho, L. (2004). Ser pai: Transformações intergeracionais na paternidade. *Análise Psicológica, XXII* (2), 377-386.
- Baucom, D. H., Notarius, C. I., Brunett, C. K., & Haefner, P. (1990). Gender differences and sex-role identity in marriage. In F. D. Fincham & T. N. Bradbury (Eds.), *The psychology of marriage* (pp. 150-171). Londres: The Guilford Press.
- Belsky, J. (1984). The determinants of parenting: A process model. *Child Development, 55*, 83-96.
- Belsky, J. (1990). Children and marriage. In F. D. Fincham & T. N. Bradbury (Eds.), *The psychology of marriage* (pp. 172-200). Londres: The Guilford Press.
- Biller, H. B. (1993). *Fathers and families: Paternal factors in child development*. Westport: Auburn House.
- Bonney, J., Kelley, M., & Levant, R. (1999). A model of fathers' behavioral involvement in child care in dual-earner families. *Journal of Family Psychology, 13*, 401-415.
- Bradbury, T. N., & Karney, B. R. (2004). Understanding and altering the longitudinal course of marriage. *Journal of Marriage and Family, 66*, 862-879
- Call, V. & Heaton, T. (1997). Religious influence on marital stability. *Journal for the Scientific Study of Religion, 36*, 382-392.

Campbell, A., Converse, P. E., & Rodgers, W. L. (1976). *The quality of American life: Perceptions, evaluations and satisfactions*. New York: Russell Sage.

Coiro, M. J., & Emery, R. E., (1998). Do marriage problems affect fathering more than mothering? A quantitative and qualitative review. *Clinical Child and Family Psychology Review, 1*(1), 23-40.

Coltrane, S. (2000). Research on household labor: Modeling and measuring the social embeddedness of routine family work. *Journal of Marriage and the Family, 62*, 1208–1233.

Craig, L. (2006). Does father care mean fathers share? A comparison of how mothers and fathers in intact families spend time with children. *Gender & Society, 20*, 259-281. doi: 10.1177/0891243205285212

Crouter, A. C., Perry-Jenkins, M., Huston, T. L., & McHale, S. M. (1987). Processes underlying father involvement in dual-earner and single-earner families. *Developmental Psychology, 23*, 431-440.

Deutsch, F. M. (2001). Equally shared parenting. *American Psychological Society, 10* (1), 25-28.

Devine, D., & Forehand, R. (1996). Cascading toward divorce: The roles of marital and child factors. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 64*, 424-427.

Dudley, M. G., & Kosinski, F.A. (1990). Religiosity and marital satisfaction: A research note. *Religious Research, 32*(1), 78-86.

Feeney, J. A., Noller, P., & Ward, C. (1997). Marital satisfaction and spousal interaction. In R. J. Sternberg & M. Hojjat (Eds.), *Satisfaction in close relationships* (pp. 160-189). Nova Iorque: The Guilford Press.

Feldman, R. (2000). Parents' convergence on sharing and marital satisfaction, father involvement, and parent-child relationship at the transition to parenthood. *Infant Mental Health Journal, 21*, 176-191.

Fong, S., & Lam C. W. (2007). The paternal involvement of Chinese drug abusers: An exploratory study in Hong Kong. *Journal of Social Work Practice in the Addictions*, 7, 87-98.

Gavin, L., & Wysocki, T. (2006). Associations of paternal involvement in disease management with maternal and family outcomes in families with children with chronic illness. *Journal of Pediatric Psychology* 31, 481–489. doi:10.1093/jpepsy/jsj043

Glenn, N. D. (1975). The contribution of marriage to the psychological well-being of males and females. *Journal of Marriage and Family*, 37, 594-600.

Gottman, J., & Silver, N. (2001). *Os sete princípios do casamento*. Cascais: Pergaminho.

Hirschberger, G., Srivastava, S., Marsh, P., Cowan, C. P., & Cowan, P. A. (2009). Attachment, marital satisfaction, and divorce during the first fifteen years of parenthood. *Personal Relationships*, 16, 401–420.

Hoghugh, M. (2004). Parenting – an introduction. In M. Hoghugh & N. Long (Eds.). *Handbook of parenting: Theory and research for practice* (pp. 1-18). Londres: Sage.

Hosley, R., Candfield, K., O'Donnell, S. L., & Roid, G. (2008). Father closeness: Its effect on married men's sexual behaviors, marital, and family satisfaction. *Sexual Addiction & Compulsivity*, 15, 59–76. doi: 10.1080/10720160701878761

Instituto do Emprego e Formação Profissional (2001). *Classificação Nacional das Profissões* (2ª ed.). Lisboa: Instituto do Emprego e Formação Profissional.

Katzev, A. R., Warner, R. L., & Acock, A. C. (1994). Girls or boys? Relationship of child gender to marital instability. *Journal of Marriage and Family*, 56(1), 89-100.

Konstantareas, M., & Homatidis, S. (1992). Mothers' and fathers' self-report of involvement with autistic, mentally delayed, and normal children. *Journal of Marriage and Family*, 54, 153-164.

Lamb, M. E. (1979). Paternal influences and the father's role: A personal perspective. *American Psychologist*, *34*, 938-943. doi:10.1037/0003-066X.34.10.938

Lamb, M. E. (1987). Introduction: The emergent american father. In M. E. Lamb (Eds.), *The father's role: Cross-cultural perspectives* (pp. 3-27). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.

Lamb, M. E. (2002). Infant-father attachments and their impact on child development. In C. S. Tamis-LeMonda & N. Cabrera (Eds.), *Handbook of father involvement – multidisciplinary perspectives* (pp. 93-118). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.

Lamb, M. E., Pleck, J. H., Charnov, E. L., & Levine, J. A. (2010). A biosocial perspective on paternal behavior and involvement. In J. B. Lancaster, J. Altmann, A. S. Rossi, & L. R. Sherrod (Eds.), *Parenting across life span – Biosocial dimensions* (pp. 111-142). New Jersey: Transaction.

Lee, C., & Doherty, W. (2007). Marital satisfaction and father involvement during the transition to parenthood. *Fathering*, *5*, 75-96. doi:10.3149/fth.0502.75.

Lerner, R. M., Rothbum, F., Boulos, S., & Castellino, D. (2002). Developmental systems perspective on parenting. In M. H. Bornstein (Eds.), *Handbook of parenting* (vol. 2, pp. 315-344). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.

Levy-Schiff, R., & Israelashvili, R. (1988). Antecedents of fathering: Some further exploration. *Developmental Psychology*, *24*, 434-440.

Levy-Shiff, R. (1994). Individual and contextual correlates of marital change across the transition to parenthood. *Developmental Psychology*, *30*, 591-601.

Levinger, G., & Huston, T. L. (1990). The social psychology of marriage. In F. D. Fincham & T. N. Bradbury (Eds.) *The psychology of marriage* (pp. 19-58). Londres: The Guilford Press.

Levinger, G. (1997). Prologue. In R. J. Sternberg & M. Hojjat (Eds.), *Satisfaction in close relationships* (pp. 1-4). Nova Iorque: The Guilford Press.

Mehall, K., Spinrad, T., Eisenberg, N., & Gaertner, B. (2009). Examining the relation of infant temperament and couples' marital satisfaction to mother and father involvement: A longitudinal study. *Fathering, 7*(1), 23-48. doi:10.3149/fth.0701.23

Monteiro, L., Veríssimo, M., Castro, R., & Oliveira, C. (2006). Partilha da responsabilidade parental. Realidade ou expectativa? *Psychologica, 42*, 213-229.

Monteiro, L., Veríssimo, M., Santos, A. J., & Vaughn, B. E. (2008). Envolvimento paterno e organização dos comportamentos de base segura das crianças em famílias portuguesas. *Análise Psicológica, XXVI* (3), 395-409.

Narciso, I. (2001). *Conjugalidades satisfeitas mas não perfeitas: À procura do padrão que liga*. Dissertação de Doutoramento. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, Lisboa.

Narciso, I., & Costa, M. (1996). Amores satisfeitos, mas não perfeitos. *Cadernos de Consulta Psicológica, 12*, 115-130.

Narciso, I., & Ribeiro, T. M. (2009). *Olhares sobre a conjugalidade*. Lisboa: Coisas de Ler.

Orathinkal, J., & Vansteenwegen, A. (2007). Do demographics affect marital satisfaction? *Journal of Sex & Marital Therapy, 33*, 73–85. doi: 10.1080/00926230600998573

Parke, R.D. (1996). *Fatherhood*. Cambridge, MA: Harvard University Press

Parke, R. D. (2002). Fathers and families. In M. H. Bornstein (Eds.), *Handbook of parenting* (vol. 3, pp.27-73). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.

Perlin, G. & Diniz, G. (2005). Casais que trabalham e são felizes: Mito ou realidade? *Psicologia Clinica, 17*, 15 – 29.

Poeschl, G. (2000). Trabalho doméstico e poder familiar: Práticas, normas e ideais. *Análise Social, 35*, 695-719.

Ramoneti, D. (2007) *The impact of paternal involvement on maternal well-being and marital satisfaction*. Dissertação de Doutoramento, Hofstra University, Hempstead. Retirado de <http://gradworks.umi.com/32/58/3258968.html>

Rhine, D. (1981). Bases of marital satisfaction among men and women. *Journal of Marriage and Family*, 43, 941-955.

Roggman, L. A., Boyce, L. K., Cook, G. A., & Cook, J. (2002). Getting dads involved: Predictors of father involvement in early head start and with their children. *Infant Mental Health Journal*, 23, 62-78.

Rohner, R. P., & Veneziano, R. A. (2001). The importance of father love: History and contemporary evidence. *Review of General Psychology*, 5, 382-405.

Shackelford, T. K., & Buss, D. M. (1997). Marital satisfaction in evolutionary psychological perspective. In R. J. Sternberg & M. Hojjat (Eds.), *Satisfaction in close relationships* (pp. 7-25). Nova Iorque: The Guilford Press.

Simões, R. (2009). *A paternidade no século XXI: O envolvimento paterno numa amostra de pais de crianças em idade escolar*. Dissertação de mestrado não publicada. ISPA, Lisboa.

Simões, R., Leal I., & J. Maroco (2010). *Escala de envolvimento paterno: Estudo de validação de um instrumento*. Lisboa: Placebo Editora.

Strong, B., DeVault, C., & Cohen, T. F. (2011). *The marriage and family experience: Intimate relationships in a changing society*. Belmont: Wadsworth

Tamis-LeMonda, C. S., & Cabrera, N. (2002). Multidisciplinary perspective on father involvement: An introduction. In C. S. Tamis-LeMonda & N. Cabrera (Eds.), *Handbook of father involvement – Multidisciplinary perspectives* (pp. XI- XVIII). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.

Thomas, J. E., & Hildingsson, I. (2009). Who's bathing the baby? The division of domestic labor in Sweden. *Journal of Family Studies*, *15*, 139-152.

Thompson, L., & Walker, A. J. (1989). Gender in families: Women and men in marriage, work and parenthood. *Journal of Marriage and Family*, *51*, 845-871.

Volling, B. L., & Belsky, J. (1991). Multiple determinants of father involvement during infancy in dual-earner and single-earner families. *Journal of Marriage and the Family*, *53*, 461- 474.

Wishman, M. A. (1997). Satisfaction in close relationships: Challenges for the 21st century. In R. J. Sternberg & M. Hojjat (Eds.), *Satisfaction in close relationships* (pp. 385-410). Nova Iorque: The Guilford Press.

Wolfinger, N. H., & Wilcox, W. B. (2008). Happily ever after? Religion, marital status, gender and relationship quality in urban families. *Social Forces*, *86*, 1311-1337

ANEXOS

Anexo 1

Ficha de Recolha de Informação

Data ___/___/2011

Idade _____ Sexo: Feminino Masculino

Estado civil: Solteiro(a)

Casado(a) / União de facto Desde _____

Divorciado(a) / Separado(a) Desde _____

Viúvo(a) Desde _____

Tem alguma crença religiosa?

Não Sim

Nível de escolaridade: 4 anos

6 anos

9 anos

12 anos

Curso profissional

Curso superior

Profissão _____

Composição do agregado familiar _____

Nº de filhos: _____

Idade	Sexo

Caracterização da criança:

Idade _____ Sexo: Feminino Masculino

Ano de Escolaridade: _____

A criança é filha:

- De ambos os membros do casal
- Apenas de um membro do casal Qual _____
- Outra situação Qual _____

Assinale com uma cruz o seu grau de envolvimento com a criança ao nível:

Dos Cuidados Diários:

Nada Envolvido (a)	Pouco Envolvido (a)	Moderadamente Envolvido(a)	Muito Envolvido(a)	Muitíssimo Envolvido(a)
--------------------	---------------------	----------------------------	--------------------	-------------------------

Da Educação:

Nada Envolvido (a)	Pouco Envolvido (a)	Moderadamente Envolvido(a)	Muito Envolvido(a)	Muitíssimo Envolvido(a)
--------------------	---------------------	----------------------------	--------------------	-------------------------

Das Brincadeiras:

Nada Envolvido (a)	Pouco Envolvido (a)	Moderadamente Envolvido(a)	Muito Envolvido(a)	Muitíssimo Envolvido(a)
--------------------	---------------------	----------------------------	--------------------	-------------------------

Como acha que é o envolvimento do seu cônjuge relativamente à criança, ao nível:

Dos Cuidados Diários

Nada Envolvido	Pouco Envolvido	Moderadamente Envolvido	Muito Envolvido	Muitíssimo Envolvido
----------------	-----------------	-------------------------	-----------------	----------------------

Da Educação

Nada Envolvido	Pouco Envolvido	Moderadamente Envolvido	Muito Envolvido	Muitíssimo Envolvido
----------------	-----------------	-------------------------	-----------------	----------------------

Das Brincadeiras

Nada Envolvido	Pouco Envolvido	Moderadamente Envolvido	Muito Envolvido	Muitíssimo Envolvido
----------------	-----------------	-------------------------	-----------------	----------------------

Com que frequência participa nas tarefas domésticas:

Nunca	Pouco Frequentemente	Frequentemente	Muito Frequentemente	Sempre
-------	-------------------------	----------------	-------------------------	--------

Com que frequência o seu cônjuge participa nas tarefas domésticas:

Nunca	Pouco Frequentemente	Frequentemente	Muito Frequentemente	Sempre
-------	-------------------------	----------------	-------------------------	--------

Anexo 2

No contexto do Mestrado Integrado em Psicologia da Faculdade de Psicologia (F. P.) da Universidade de Lisboa (U. L.), a Mestranda Margarida Santos está a desenvolver, no âmbito da sua dissertação de Mestrado, uma investigação que foca as relações pais-filhos e a conjugalidade. Esta investigação, que conta com a supervisão científica da Prof. Doutora Salomé Vieira Santos (F. P. – U. L.), visa o estudo da satisfação conjugal e do envolvimento com os filhos. A investigação integra mães e pais, considerando-se importante a perspectiva de ambos, a qual pode ser ou não concordante. Pretende-se dar um contributo para uma melhor compreensão de aspectos do funcionamento parental e conjugal em mães e pais de crianças do 1º Ciclo, os quais têm que responder a desafios específicos desta fase de desenvolvimento. Uma melhor compreensão destes fenómenos permitirá também contribuir para que, no futuro, se possa prestar uma ajuda mais eficaz aos pais que dela possam carecer.

Nesta sequência, vimos solicitar a sua participação e a do seu cônjuge na investigação em causa, participação esta que consistirá no preenchimento de dois ou três questionários, consoante seja mãe ou pai da criança, e demorará cerca de 10 minutos. A sua participação é completamente voluntária.

O preenchimento dos questionários é feito de forma anónima e a informação disponibilizada é totalmente confidencial, não sendo a mesma usada de modo individualizado, mas antes, e exclusivamente, no âmbito do tratamento global de dados.

Caso tenha alguma questão ou dúvida sobre a investigação, poderá contactar:
margarida.rs@gmail.com

Muito obrigada pela sua atenção!

Se aceitar participar nesta investigação, por favor, subscreva a sua autorização, assinando no local abaixo indicado

Declaração de Consentimento Informado

Nome: _____

Fui informada(o) dos objectivos do estudo e declaro que aceito colaborar voluntariamente no mesmo.

(Assinatura da(o) Participante)

Data ____/____/____

Anexo 3

Se aceitou participar na investigação dirigida para as relações pais-filhos e a conjugalidade, encontrará a seguir as indicações sobre como deve proceder.

Irá encontrar primeiro uma Ficha de Recolha de Informação e em seguida dois questionários: 1) Escala de Envolvimento Paterno - para ser respondida só pelo pai; 2) Escala de Satisfação Conjugal (EASAVIC) – para ser respondida pelo pai e pela mãe. Em relação ao primeiro questionário centre-se sempre no seu filho ou filha que frequenta o 1º ciclo. No caso de ter mais do que um filho no 1º ciclo, por favor assegure-se que o seu cônjuge responde aos questionários centrando-se na mesma criança.

Para cada questionário deverá seguir as instruções iniciais respectivas.

Por favor responda a todos os questionários, certificando-se também que responde a todas as questões /itens de cada um. Seja o mais genuíno(a) possível não pensando muito em cada resposta.

É importante que cada elemento do casal preencha os questionários individualmente, sem trocar impressões entre si (antes ou durante).

Após terminar o preenchimento dos questionários, cada elemento do casal deverá colocar todo o material no envelope previamente fornecido, fechá-lo e entregá-lo à Professora da criança até ao dia 15 de Março de 2011.

MUITO OBRIGADA PELA SUA COLABORAÇÃO

Anexo 4

Se aceitou participar na investigação dirigida para as relações pais-filhos e a conjugalidade, encontrará a seguir as indicações sobre como deve proceder.

Irá encontrar primeiro uma Ficha de Recolha de Informação e em seguida dois questionários: 1) Escala de Envolvimento Paterno - para ser respondida só pelo pai; 2) Escala de Satisfação Conjugal (EASAVIC) – para ser respondida pelo pai e pela mãe. Em relação ao primeiro questionário centre-se sempre no seu filho ou filha que frequenta o 1º ciclo. No caso de ter mais do que um filho no 1º ciclo, por favor assegure-se que o seu cônjuge responde aos questionários centrando-se na mesma criança.

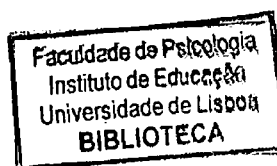
Para cada questionário deverá seguir as instruções iniciais respectivas.

Por favor responda a todos os questionários, certificando-se também que responde a todas as questões /itens de cada um. Seja o mais genuíno(a) possível não pensando muito em cada resposta.

É importante que cada elemento do casal preencha os questionários individualmente, sem trocar impressões entre si (antes ou durante).

Após terminar o preenchimento dos questionários, cada elemento do casal deverá colocá-los no envelope previamente fornecido, e remetê-lo por correio até ao dia 18 de Abril de 2011.

MUITO OBRIGADA PELA SUA COLABORAÇÃO



UL - Faculdade de Psicologia - Instituto de Educação



ULFPIE039521